

BALLADILHAS



Coelho Netto

COELHO NETTO

BALLADILHAS

Ce sont icy- mes fantasies, par lesquelles je ne
tasche point de donner à cogoaistre les choses, mais
moy . . .

MONTAIGNE.

3.ª EDIÇÃO



PORTO Livraria Chardron,
de Léio & Irmão, *L. da* editores —Rua das
Carmelitas, 144

AILLAÛD, BEHTBAND — LISBOA-PARIS

1924

Obras de COELHO NETTO

- Sertão.
A Bico de Pena.
Agua de Juventa.
Romanceiro.
Teatro, vol. I (*O Relicário*,
Os Rttics X, *O Diabo no*
corpo).
Teatro, vol. II (*As Estações*,
Ao luar Ironia, *A Mulher*,
Fim de Baça).
Teatro, vol. IV (*Quebranto*,
comédia em 3 actos, e o
sainete *Nuvem*).
Teatro, vol. V (*O dinhevo*,
Bonança, e o *Inlruso*).
Fabulario.
Jardim das Oliveiras.
Esfinge.
Inverno em Flor.
Apólogos, contos para
crianças.
Miragem.
- MyHerios do Natal*,
contos para
crianças.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
A Tormenta.
Trem.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dores de
Nossa Senhora.
Balladilhas.
Pastoral.
Vida Mundana.
Patinho torto.
As quintas.
NO PRÉLO :
Scenas 8
perfis. Feira
livre.

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à convenção de Berne— (E.m Portugal pela lei de 18 de março de 1911, No Brasil pela lei nº 2677 de 17 de janeiro de 1912).

Na mocidade os olhos, limpidos e curiosos, vão a distancias consideraveis; na velhice, turvos e cançados, fitam-se, de perto, em minucias.

Este livro, se eu lhe corrigisse as «visões», perderia a qualidade unica que possui que é, justamente, a que me parece erro por estar muito longe, fóra do alcance da minha luz crepuscular: a mocidade.

O que d'elle fiz foi espaná-lo um pouco da poeira do Tempo, nada mais.

1920.

C N.

DISTICO

O espírito, como o tempo, tem as suas estações.

Com este livro findeu a primavera da minh'alma.

1824.

C.N

MATER

Ei-las de volta enchendo o ar fino e o campo convalescente com os seus rispídos trissos, com os ruflos das suas pequeninas azas pretas. Ei-las de volta, em bandos: umas pousam no beiral dos telheiros, bicando as pennas, trefegas, saracoteantes; seguem outras para o lado fresco das ilhas onde os vinhaes enfolham-se.

Ei-las de volta, as andorinhas, que foram invernar em um paiz sem bruma, tepido e recendente.

Abrem-se todas as gelosias; querem todos vê-las e recebem-nas sorrindo.

Vergontear nascem nos esqueletos das arvores e florinhas tenras abrem côrollas timidas.

Limpido azul substitue a nivosa tristura do céu. É a primavera que chega. Começam a appare-

cer viçosos ramos. De todas as ruínas, de todas as cavernas abrem vôo, chilreando, passarinhos novos.

É a vida que reaparece.

Pelas horas mudas da manhansinha tilitam campainhas de rebanhos. Já se escuta na planície a voz dos que pastoream.

Primavera!

E Lavinia, a tecedeira, chora vendo reflorir o campo, vendo amainar-se o oceano, sentindo, ao aspirar a brisa impregnada, o aroma suavissimo das primeiras flores. Chora e seus olhos não se apartam do mar, onde os barcos se aprestam e onde começa a lufa-lufa da partida acompanhada do canto montono dos que vão tomar rumo. É que vai fito á Islandia gelada, nessa viagem breve, o pequeno Arnulpho, seu filho, o unico, o ultimo amor do seu coração.

Lá fóra, no silencio da meia noite, o vento geme funebre; mais longe o mar rebelde da costa espadana e retumba. De tempo em tempo rispida rajada de vento marinho, soprando de feição á terra, repete o tom elegiaco de uma cantiga de marujo. Lavinia, encostada ao umbral da porta da cabana, contempla silenciosa a torre pallida da igreja por onde escorre, em alva, a luz fria da lua.

Vai nascer o sol. Não tarda a claridade! Mais um momento e as velas abertas nas ver-

gas levarão, mar em fora, o brigue e o pequeno Arnulpho. E Lavinia volta-se, com toda a alma nos olhos tristes, para contemplar o filho que dorme a sua ultima noite de paz no leito em que vagiu. Volta-se e a sua benção sagrada unge carinhosamente o somno do pequeno.

Um sino vibra de quando em quando.

Matinas.

Não ha mais tempo. É tarde! Faz-se mister acordá-lo. O vento, bom marujo, levanta-se para tomar o seu posto junto ao panno das vellas.

É tarde!

Mais uma lagrima! O coração vai alijando a agonia para não naufragar. Mas que luz apressada! Como o dia vem rapido quando traz soffrimento!

—De pé! De pé, meu filho! São horas de partir. De pé, pequeno Arnulpho!

Arnulpho levanta-se sobressaltado. Ligeiro, veste o gabão, põe á cabeça o sueste, aos hombros uma capa, a mais, para os frios de lá, lança um olhar de adeus á toda a casa e... Oh! suprema afflicção da despedida. Pobre Lavinia! Que combate terrivel para não chorar. De joelhos, os dois, diante da imagem da Virgem, rezam uma oração constricta. Depois um longo abraço mudo, a benção, mais uma benção e... A caminho, pequeno Arnulpho!

Vão seguindo por estreitissimos valles de hervas perfumadas, á luz indecisa das estrellas que morrem. Balem ovelhas errantes. Mais tristeza, maior melancolia.

E o mar que, de longe, chama!

Na praia, antes de tomar o remo que lhe reservam na chalupa, Arnulpho, de pé, fala tremulamente:

—Mãi, pede por mim! Pede por mim ao patrono dos que andam nas aguas para que me illumine nessa terra sem luz para onde vou partir e de onde tantos não voltaram mais. O bom Deus ouve mãis. Mãi, pede-lhe por mim.

Lavinia contempla carinhosamente o filho e, beijando-o pela derradeira vez, murmura-lhe ao ouvido:

—Parte! Luz não te faltará. Fique eu em trevas, ainda assim... luz não te faltará. Vai! Confia em Deus e em tua mãi. Segue-te o meu olhar. Minh'alma velará por ti. Parte! Adeus!

E a chalupa desaparece.

Á tarde, á hora em que as pombas voltam, o mar extenso e vasio, sem um brigue mais, chora na praia lamentosamente.

Silencio extremo! Extrema soledade!

Por toda a parte o luto niveo do gelo. Bancos alvissimos deslisam silenciosos pelas aguas grossas.

Bambeam, oscillam, tremem obeliscos hyalicos, rolam depois estrupidantes e vão, de cá e de lá, mar abaixo, fluctuando sem bulha. Estiram-se pelas lages claras as sombras emmaranhadas dos mastros dos navios presos. Granisa a carambina, a briga uiva.

Noite branca.

Mudos, os pescadores aprumam as linhas, debruçados á amurada. De quando em quando um eanta.

Mas começa a obumbrar-se o céu cardado — é a borrasca polar, a gemebunda tormenta glacial que chega.

Treva instantanea!

As procellarias gritam na desolada friúra e, de espaço a espaço, estala formidanda a aza colossal de um albatroz que passa.

Luzes! Toda a maruja corre a buscar lampadas. E o brigue esbarra aqui e ali e vai de bloco em bloco, levado pelas avalanches.

Insubmissa a tempestade arctica assobia e ruge, rompendo os pannos; rangem os mastros e o brigue, levado pelos gelos, corre, galga os vagalhões por onde embatem e rolam triturando-se os brutos penhascos de gelo.

Uma voz brada o nome do pequeno engajado:

— Arnulpho! O vento leva o brado; outro de novo:

— Arnulpho! Abre-se uma escotilha e, como subitanca aurora, toda a gente de bordo attonita, interdita, suspende a manobra e contempla, extatica, o jovem marinheiro que apparece, aureolado por um disco de luz, tão claro e tão forte que, num momento, tudo se dessombra — vê-se bem á distancia como se o sol do pólo tivesse surgido da tormenta, rútilo.

O brigue, com esse santelmo fulgentissimo, ganha rumo, faz-se ao mar safando-se do carcere transido e, fugindo pela espessa e negra vaga, acende o oceano frio como um astro aquatico ou aurora boreal errante.

Arnulpho, quando os companheiros o interrogam ácerca da estranha claridade que o rodeia diz, d'olhos baixos: «É talvez minha mãe.»

Nada mais diz.

E, durante toda a estação da pesca, a luz de Arnulpho substitue o sol.

Inverno! Volta dos islandeses.

Mar patrio. As areas brancas de longe acenam aos marinheiros. Passaros da terra vêm pousar nos mastros. Vêm-se já canôas conhecidas. Do cesto de gavea o gageiro grita o nome doce de uma ilha e depois, num assomo: Terra!

É a aldeia que surge.

E o canto começa a bordo. Correm todos aci-

ma. Os mais ansiosos trepam pelas enxarcias, alongam a vista, fazendo festas ao horizonte verde do paiz natal. Outros, para não perderem um só momento a vista da terra, mudam as roupas em pleno mar, bruscamente cantando.

Rapida range e róla a corrente; a ancôra mergulha. Fundeiam. Ás chalupas!

Remam, remam a vigoroso impulso e atracam.

Quasi que não põem o pé na praia, porque os esperam braços saudosos.

Pobre Arnulpho! Que triste nova o espera!

O primeiro que o vê corre a dar-lhe a noticia infausta.

—Minha mãe! brada o pequeno por não vê-la entre as outras mais. Minha mãe!

O mensageiro hesita, mas de piedade, vendo lagrimas nos olhos do pequeno, fala:

— Tua mãe, na hora em que teu brigue passou além do mar que a nossa vista alcança, perdeu a luz dos olhos.

Arnulpho, allucinado, deita a correr ao longo da praia, caminho da choupana, sem um olhar, ao menos, para a aldeia que não vê desde a primavera.

Ao dobrar a ponta de rocha, além da qual demora o lar materno, lagrimas saltam-lhe dos olhos ao vêr de pé, cabeça nua, os braços abertos em cruz, os olhos parados, sua mãe, Lavinia, cega, sorrindo

ineffavelmente, a balbuciar... o que? seu nome, com certeza.

Aperta nos braços a velha pescadora e... que beijos ardentes e que sincero pranto! Mas, em recordação tragica, que a effusão do amor fizera desaparecer por instantes, Arnulpho, tomando as mãos tremulas da cega, beija-as balbuciando:

—Mãi... conta-me, conta-me como cegaste, mãe! Como cegaste?

Ella sorri e, erguendo o braço, diz, mostrando uma vela distante:

—A vela do teu brigue...

Depois, apontando o occidente do céu: Uma, duas, tres estrellas. Ali, a torre da ermida... tudo! Vejo de novo tudo! Vejo-te, meu filho! Que mais me falta vêr? E, num beijo longo, conclue: Cegueira... Cegueira sim... E, como querias que meus olhos tivessem luz se ella te acompanhava a toda a parte? se ella estava tão longe de mim como tu, filho meu! Já te não lembras da promessa que fiz quando d'aquí partiste? cumpri-a. O meu olhar seguiu-te. Se tivesses morrido nunca mais meus olhos se abririam. Voltas, trazes de novo a luz, vejo de novo!

Fica! Não tornes mais á Islandia. Fica commigo para que me não aconteça de novo andar perdida em sombras, entre broncos rochedos e es-

pinhaes malfazejos, a olhar eternamente essa triste
invernía do polo para poder velar por ti, Arnulpho,
meu pequeno Arnulpho.

Deixa-me a luz. Não partas mais porque... bem
triste me foi a primavera passada. A cegueira é um
triste inverno d'alma.

Não partas! Não partas mais, que a cegueira das
mães é dolorosa.

OS CEGOS

Quando o sol descia a alumiar os degraus de pedra da capella do Bom Jesus, já ali encontrava os tres ceguinhos.

Cahisse embora a neve em flocos, fôsem as manhans de bruma e de geadas, á hora do costume, encostando os cajados á soleira, tiritando e sorrindo, tomavam elles os seus lugares á espera dos caridosos.

Esse encontro dos tres datava de longos annos. Viviam na mais intima e leal camaradagem, sem despeito, sem rivalidades. Se um recebia a esmola, mal ouviam tinir a moeda, como se todos participassem do beneficio, agradeciam ao mesmo tempo os tres.

Reconheciam-se, á distancia, pelo bater dos páos de arrimo. Assim, se um chegava e, chamando,

não obtinha resposta, sorria e sentava-se, esperando pacientemente a chegada dos outros e, mal ouvia o toc, toc, no ladrillio do adro, dizia logo o nome do que vinha, e para rir, ajuntava: «Que os missaes tinham sahido tres vezes dos altares.»

Se um deixava de apparecer, enchiam-se os dois de cuidados e de apprehensões e, nesse dia, se os não vissem os fieis, decerto não levariam para comprar um pão, porque, entristecidos e saudosos, mal sabiam pedir, tão enlevados estavam em orações a Deus para que velasse pelo companheiro, pobre cego! sem luz e sem misericordia, que andava ás tontas pelo mundo indifferente.

Mas se distinguiam no rumor da turba o toc, toc do retardatario, era de vêr-se o que faziam: agitavam-se, riam alto e quem não os conhecesse telos-ia por loucos, gesticulando tão desordenadamente para o espaço vasio, chamando, pronunciando phrases de carinho. E, á medida que o toc, toc aproximava-se, subia o delirio e os gestos tomavam proporções fantasticas e desvairadas. Mas bastava voltar os olhos para vêr-se que os cégos tinham razão de estar contentes. Esse, que vinha lento e cauto pela escadaria acima, cégo tambem, era o que faltava ao grupo fiel da porta da capella. Mas quem não soubesse do mysterio desconfiaria da lealdade dos pobresinhos. Como podiam ter percebido o companheiro?! Não, tal não se dera,

apenas tinham ouvido o toc, toc, do cajado que batia no mármore do adro. Esse rumor, que nada significava para os indifferentes, era um signal de entendimento entre elles.

Nessa manhan de abril, suave, azul e tão serena que se ouvia o canto dos canários nas amendoeiras proximas, muito aconchegados, aquecidos pelo mesmo raio de sol, falavam os tres, recapitulando a vida que passara.

—Julião, disse um d'elles, o de cabellos mais brancos e de feições mais novas, conta-me a historia da tua cegueira. Vieste de tua mãe sem luz nos olhos ou cegaste na vida?

— A historia da minha cegueira! suspirou um dos cégos, moreno, de solida constituição, barba farta e negra derramada pelo peito largo e forte.

—A historia da minha cegueira! Theobaldo. Nem sei dizer, em verdade, como foi. Eu exercia na minha aldeia o officio de carreiro. Uma noite, estando toda a gente do casal na eira, a ouvir cantar um moço montanhês, sahi tambem. O luar alu-

miava a noite. Theobaldo, o dos cabellos brancos, suspirou baixinho e Julião, que o não ouvira, continuou, levantando os olhos mortos para o céu:

— As estrellas resplandeciam e eram tantas nessa noite que até me pareceu que os astros do Senhor tinham tambem percebido a voz suave do moço montanhês e vinham ali assim, no alto, debruçados sobre as nossas cabeças, ouvi-la commovidamente.

O canto era triste e triste tambem o moço que o entoava. Para ouvi-lo melhor e sem que ninguem viesse distrahir-me, arredei-me, deitando-me de costas sobre uma méda de palha. E ouvi, ouvi com os olhos postos no céu. A pouco e pouco a voz foi esmorecendo e acabando. No céu tambem, a pouco e pouco, as estrellas iam sumindo. De repente, nada mais ouvi. E o céu estava negro.

Pensei, então, que as estrellas se haviam recolhido. Deixei-me estar deitado. Tarde, quando, picado pelo frio da noite, me levantei da palha em que me havia estirado, abri os olhos: céu negro ... tréva... tréva e nada mais. Levaram-me para o-casal.

Lembro-me apenas de ter, depois de muito tempo de afflicção, perguntado a alguém que me seguia:

«Que noite longa é esta!? Não virá o dia?»

E responderam-me compassivamente:

—É dia, Julião, mas tu não podes vê-lo.

Julião bateu com o cajado na pedra e, deixando pender a cabeça, murmurou:

— E nunca mais vi!

Houve um silencio triste; por fim Theobaldo falou ao outro companheiro:

—E tu, Claudio, como cegaste tu?

—No mar, disse o nomeado, passando a mão nervosa pelos olhos extintos. Ceguei no mar. Era menino, gageiro em uma galera. Certa noite, estando de vigia, sob a mais terrivel das procellas, vi abrir-se no céu uma grande aurora côr de sangue. O mar atroou com estampido formidavel. Em baixo, a gente que andava em faina, levantou alarido terrifico e pelos gritos de misericordia! percebi que acontecera alguma desgraça irreparavel á nossa galera. Fôra ferida por Deus — um raio traspassára-a. Tentei descer do cesto de gavea, onde me alojara, mas não via nada diante dos olhos senão a aurora horrivel, côr de sangue, que se accendera no céu. Desceram-me e, desse dia até hoje vejo, devo dizer assim, vejo constantemente a luz purpurea que incendiou o oceano e de onde sahiu a chispa que atravessou a galera, depois de ter roubado a meus olhos a luz que os alumia.

E Claudio, sem mais dizer, abriu muito os olhos, pestanejando, como se quizesse apanhar uma visão que lhe fugira. Por fim sorriu dizendo:

—Olhem... a aurora côm de sangue. Estou vendo-a, estou vendo-a.

Theobaldo, o dos cabellos brancos, falou por ultimo:

—É a minha vez.

—É a tua vez, disseram os dois melancolicamente; e Theobaldo proseguiu:

—Fui moço de herdade, e, uma ou outra vez, quando o pastor adoecia, pastor substituto. Na mantanha, aonde levava as ovelhas, vivia uma pastora. Olivana era o seu nome. Não vos sei dizer, amigos meus, não vos sei dizer que viram meus olhos nos olhos dessa moça silvestre, que nunca mais puderam passar sem vê-la. O nosso amor, longe de decrescer, crescia: era como o sol que, quanto mais sobe, mais abrasa. Mas um dia, (floriam então os espinheiros) Olivana chamou-me esmorecidamente — seus labios desmaiavam, seu rosto empallidecia e os olhos, os olhos doces que eram os phanaes dos meus, iam perdendo o brilho. Falou-me, procurando aproximar-me do seu peito, para que eu lhe ouvisse as pancadas finaes do coração. Beijou-me e, nesse beijo, que foi o seu adeus, expirou. E seus olhos cahiram no occaso de Sempre. Donde vem a lagrima?

—Do coração, disse Claudio.

—Foi então o coração que me apagou a luz dos olhos com a abundancia de lagrimas com que

os inundou. Foi tão copioso o pranto da saudade que, longos dias, longos mezes, meus olhos estilaram e, tanto que, quando o coração estancou, não houve mais luz que os aclarasse.

— Para mim existe apenas a ultima visão — é o que ainda vejo, disse Julião: — a noite de luar e as estrellas do Senhor resplandecendo no céu.

— Eu, disse Claudio, vejo, como tu, a ultima visão: a aurora côr de sangue e o mar illuminado.

E Theobaldo, tendo ainda nos olhos cegos lagrimas para chorar, disse chorando:

— E eu vejo em minha alma, vejo constantemente os olhos de Olivana. E, muito sentido, suspirou: Antes nunca os tivesse visto.

E Julião affirmou com amargura.

— São mais felizes os cegos de nascimento. Não têm saudades do céu que nunca viram.

— Não têm saudades do mar, ajuntou Claudio.

E Theobaldo, commovidamente, disse:

— É bem mais triste dizer: eu vi teus olhos e não vê-los mais, do que dizer: quem dera vê-los!

E os dois outros lastimosamente:

— É bem mais triste! disseram.

O AROMA DAS FLORES

Se eu disser que a pequenina historia que vos offereço me foi contada num jardim por uma ca-melia branca direis, sem hesitar, que minto, que faço apenas fabulas e contos.

Entretanto... é tão facil pôr á prova o que affirmo!

Sahí uma noite, noite de luar — porque as flores só falam quando ha lua — inclinai-vos sobre a primeira camelia que encontrardes e, sem que outras ouçam, dirigi á flor esta pergunta:

«Clara flor, se te não custa, conta-me por que, sendo assim tão formosa, não tens aroma como as outras flores?»

E a camelia vos dirá, incredula leitora: «A minha primeira irman, a primeira camelia, não era, como eu sou, inodora e pallida. Tinha

leve rosado nas petalas e o seu perfume vencia o das outras flores: ella apenas entre mil, fôsem todas essas mil violetas e rosas.

Infelizmente era a pobre levantina e o Levante é tambem o berço das mulheres languidas.

Uma noite, estava minha irman, a primeira camelia, desabotoando para receber a visita da lua, quando ouviu o lamento sentido de uma triste moça, que se lastimava do abandono em que a deixara o noivo.

A misera soluçava tanto que minha irman, commovida, dirigiu-lhe a palavra:

— Que mal te afflige o coração, formosa?

E a moça, chorando, disse:

« Flor candida, balsaminea flor, sou a mais infeliz entre as mulheres. Amo! Amo perdidamente um cavalleiro nomade. Elle é formoso e valente. Seu braço é tão forte brandindo o alfange largo quanto é carinhoso quando toma pela cinta qualquer rapariga. Eu sei da causa do seu desprezo, sei por que o infiel evita-me!

A outra que elle beija e abraça nesta hora tem mais haveres do que eu tenho esperanças e só em perfumes a traidora esgota todas as manhans uma pesada bolsa de sequins.

Eu, pobre moça do campo, como hei de vencer a minha rival formosa? Como comprar perfumes? Como descobrir essencias?

Nunca será meu! oh! nunca! por mais que eu lhe offereça a minha adolescência e a virgindade da minha boca, nunca tocada pelo beijo.

E desatou a chorar.

«Minha irman, pobre louca! enternecida, chamou para junto da sua corolla a moça delicada.

Ordenou-lhe que descobrisse o collo e nas duas collinas morenas poz dois pequenos botões, coloriu-lhe com a sua côr as faces desmaiadas e, despindo-se do seu perfume, ungiu a moça com elle.

E disse-lhe:

— Vai! conquista o cavalleiro amado. Gosa com elle a noite da primicia e, pela manhan, antes que o sol desponte, volta a trazer-me o aroma, a côr e os meus botões vermelhos.

E a moça partiu.

Partiu e nunca mais voltou. Nunca mais! E como voltar se perdera o aroma que lhe emprestara minha irman, a primeira camelia? Como voltar com os pequeninos botões fanados, a côr do rosto esmaecida e sem aroma, o delicioso aroma que levará?

Nunca mais voltou! Mas o aroma, o aroma de minha irman, a primeira camelia, encontra-se, ainda hoje, não em nós, pobres flores! mas nos collos virgens e espalhado pela garganta, pela nuca, pelos seios das moças donzellas.

É esse aroma que estonteia, que enerva, que allucina, perfume da carne pura, essencia da castidade, roubado ás camélias, roubado á minha irman pela moça do campo.

Eis por que nós outras não temos côr e as nossas petalas são pallidas. Eis por que não temos arôma e as nossas corollas são aridas. Furtaram. o nosso dote, o nosso dote levou-o a moça levantina.»

Isto, justamente como está exposto, ouvi eu e vós, incredula leitora, ouvireis igualmente, se consultardes uma camélia, em noite de luar, porque as flores só falam quando a luz esplende.

SALDUNES

Sobre o Arrés, o hispido e nemoroso monte, abrigam-se os gauleses de Vercingetorix, rechasados pelas legiões de Cesar.

Inverno. Noite algida e muda. Aguas tolhidas e petrificadas fulgem e a selva branca, vestida de flocos, scintilla á claridade cirial da lua e freme ao sopro dos ventos.

Vindorix e Alanik, os dois saldunes, guardam o somno de Albrege, a fugitiva. Gauleses de Vannes, gauleses de Karnak, erram pelos roçados. Druidas, ovates, virgens e pastores espalham pelas colládas a lamúria da Gallia conquistada. Bardos foragidos fazem resoar as lobregas cavernas com os accórdes das grandes harpas;

De quando em quando, na quietude tetrica da sombra, bufos de ursos esfomeados agitam as

folhas hyalicas e fuzilam nas trévas, como lampyros, as pupillas phosphorescentes dos lobos carniceiros.

É triste o murmurinho da carambina que instila; parece que a noite chora na folhagem e o sussuro das arvores é como um soluço doloroso.

Genios da patria, espiritos alpestres, lamentam a calamidade da guerra. Campos de trigo louro, vinhas verdes e pampinosas, figueiraes sumarentos, eidos em flor, tudo as laminas dos carros de combate ceifaram e destruíram.

Livida, sorrateiramente, a lua espia atravez da nevasca, espia e some-se embrulhando-se nas nuvens, a tremer de frio.

Albrege dorme... e sonha. Descerram-se-lhe os labios em sorriso.

«Alanik, diz um dos saldunes, as palpebras de Albrege são como as nuvens quando escondem astros. Faz tanto frio! Se ella descerrasse as palpebras meu coração teria onde aquecer-se. Faz tanto frio na montanha.

— Amas Albrege, Vindorix?

— Tanto que meu coração trasborda e o amor sobe a meus olhos em ternura e a meus labios em beijos.

Alanik suspira e baixa os olhos molhados.

— Soffres? Que tens? indaga o companheiro.

— Saldunes, liga-nos o elo perpetuo da amizade jurada. Hei de morrer quando morreres.

—Um só tumulto guardará os nossos corpos.

—O gume das espadas não nos separa.

—Nem os ferros das lanças.

—Entretanto... os olhos de Albrege, os olhos doces de Albrege, já nos separaram, irmão. O que não fariam armas, fizeram as pupillas meigas.

—Amas Albrege, Alanik?

—Se pudesses interrogar minh'alma, ouvirias, irmão, o que meus labios calam.

—Pelo valente Ritha-Gaur, és um desleal irmão!

Travam do parr e «entreolham-se os saldunes.

—Socega o teu ardor, irmão Vindorix. Não nos devemos bater. Somos portadores de uma mensagem que deve salvar a patria. O sangue que circula em nossas veias não é nosso: pertence a toda a Gallia. Guarda o teu animo para o dia da vingança.

E Vindorix vai despertar a formosa Albrege:

—Toma o teu manto, Albrege. Não tarda a manhan. É tempo de partires.

—Pois que...! exclama a pobresinha tremula, queres que me aparte de ti, Vindorix ?

—Somos escravos de um juramento feito sobre o sagrado visco. Por Teutates, o deus dos viajantes, que te ha de levar á gruta de Talyessin, o druida, nunca te esquecerei, Albrege! Teus

olhos incendiaram nossas almas, é preciso que a tréva desça sobre nós para que meditemos. Vai. Albrege vai a descer pela vereda do monte e Vindorix diz ao companheiro:

—Vou deixá-la no caminho certo. Não tardo, irmão.

Albrege vai descendo; nada vê ante os olhos marejados de lagrimas. Aqui e ali brancuras de ossarias. Luzem blocos de neve, os galhos cheios de pingentes brancos movem-se sinistramente; de longe em longe o troar retumbante de avalanches que se despenham. Subito um urso aparece hisuto e negro. A fugitiva treme, ergue os piedosos olhos para o céu e cahe, sem um gemido, sob as pesadas patas da alimaria. Mas por um lado surge Vindorix e por outro lado Alanik irrompe, ambos armados do malag e do parr.

—Her! her! pelo amor !

—Her! her! pelo amor !

A féra tomba e rola pelo precipicio.

—Vindorix!

—Alanik!

Vindorix franze o sobr'olho, brande o sabre de cobre e Alanik apara a primeira cutilada no forte escudo abraçado a tempo.

—Her! her! pelo amor, Vindorix!

—Her! her! pelo amor, Alanik!

Mas o sabre de Alanik tem mais guine, é

mais rapido e mais lesto. Vindorix cahe golfando sangue.

— Vindorix, meu irmão! clama Alanik, ajoelhando-se ao lado do cadaver.

Vindorix já não ouve.

— Quando o astro sagrado da Gallia apparecer no céu eu irei encontrar o meu irmão que viaja. Cubramos seu corpo para que as feras o não profanem.

E Albrege e Alanik cavam a sepultura que deve resguardar o morto amado.

Surge a lua. A montanha esplende, alegra-se o folhedo. Alanik, junto da sepultura, abre a tunica no peito e fala:

— Albrege, vai dizer a Talyessin, o druida, que nos deixaste no cume da montanha mortos, mas que no valle do Arrés ha quinhentos gauleses intrepididos e fortes que juram, por Hesus, morte aos romanos.

— Eu repetirei as tuas palavras a Talyessin.

Brande a arma de guerra e, com os olhos voltados para o céu, a mão firme, Alanik crava no peito o malag terrivel.

— Teutates, chama por Alanik. Se queres encarregá-lo de algum recado para os que te foram caros, apressa-ta, formosa.

— Dirás a Vindorix que em breve estarei com elle para continuarmos no Além o nosso amor

jurado. E mais lhe dirás ainda: Que debalde procuraste meus olhos, que debalde procuraste meus lábios.

— O ferro é menos doloroso do que as tuas palavras, Albrege. Eu direi a Vindorix que me deixaste morrer.

MARCHA FUNEBRE

Jámais o encontrareis no campo, sol de ouro dos formosos dias!

Jámais reflectireis seu rosto, aguas frescas dos corregos tranquillos!

Vão-no levando por entre as virides culturas no mesmo carro rural em que costumava trazer as colheitas do outono. Vão-no levando docemente, gravemente, os mesmos bois que elle tangia, e com que bucolicos cantares! quando partia pela madrugada e regressava ao cahir da noite. Vão-no levando á cova.

Morreu cantando — nem tempo teve de exclamar: Jesus! disse quem o viu cahir de bruços sobre um monte de palhas, no campo. Disse-o um velho, encanecido em andares e trabalhos: em

moço pastor rixoso e agora na velhice meigo tocador de sanfonina e poeta rustico.

Deixa um lar fechado e um coração vazio. O lar, além! uma cabana no fundo triste do valle, á sombra de castanheiros e o coração vem-no acompanhando com essa rapariga que segue o carro dizendo de quando em quando, desolada e chorosa:

«Jámais o encontrareis no campo, sol de ouro dos formosos dias! Jámais reflectireis seu rosto, aguas frescas dos corregos tranquillos.»

O prestito caminha. Lá vai pelo meio do campo cheiroso, ao passo tardigrado dos bois que um rapazola guia receioso, porque os velhos animaes, acostumados ao canto do finado e, desconhecendo o carreiro novo, olham de esguelha e magem, sempre que o pequeno lhes crava no toutiço a ponta da aguilhada.

Adiante do carro vão os rafeiros, saltando e ganindo, contentes do passeio vesperal pelos silenciosos trilhos, á hora calma, socegada e doce da nevoa que prenuncia a noite.

E o morto, dentro de um caixão feito de taboas novas, cortadas nesse mesmo dia, vai coberto de flores e sem véu no rosto, como se os seus quizessem que toda a cercania o visse e lhe dissesse o derradeiro adeus.

Vai seguindo a marcha o scaldo do cantão.

É o poeta divino, reclamado nas horas de agonia, porque a sua thiorba suavisa as dores e abranda e amortece os soffrimentos da alma.

Quando apparece na aldeia, correm todos a ouvi-lo, porque só elle conhece os romances sentimentaes das rosas e as elegias dos sylphos namorados e, quando fala da patria, a veneração de todo o finlandês, é com tal sentimento que todos lhe fazem cerco, e applaudindo o seu canto, choram de enternecimento.

Vai seguindo a marcha e, para minorar a magua da sentida noiva, improvisa á thiorba a bailada dos mortos:

«Noite de inverno, noite de frio. O vento gelido retalha. Mães desoladas, mãis sentidas que tendes filhos enterrados, pedi a Deus que os acalente. Faz tanto frio, cahe tanta neve!

Se ao abrigo do lar faz tanto frio, se junto ao fogo os dentes batem, como não devem estar soffrendo os pobresinhos!

Mães extremosas, mãis desveladas, pedi a Deus que os acalente.

Para aquecer os pequeninos, para alegrá-los nos seus tumulos basta que os abençoeis. A benção redime as almas. A benção é a misericordia das mãis».

A thiorba calou-se um momento e no silencio tranquillo, a não ser o rechino monotono do carro,

nada mais se ouvia — a marcha ia lenta e do céu, quasi todo estrellado, baixavam suavemente os primeiros raios do luar sereno.

Triste, de novo, o scaldo entoou:

«Noivas, para que na terra tenham descanso os corpos estremecidos, noivas sentimentaes, fidelissimas amantes, visitai-os de vez em quando para que elles, no jazigo sereno, sintam o rumor dos vossos passos e ouçam, com alvoroço, a musica das vossas palavras. Guardai os juramentos e para os seus pobres tumulos, em vez das flores que dasabotoam na terra, levai as vossas lagrimas saudosas, desfolhai os vossos corações para que elles sintam que ainda lhes pertenceis como no tempo em que trocaveis com elles as palavras de amor entre os rosaes mal abertos.»

Novo silencio do scaldo, por fim, em exaltação inspirada, alçando os olhos tristes ao céu, disse dolentemente o poeta rústico:

«Bem felizes os que podem chorar, bem felizes os que têm mortos, bem felizes os que têm tumulos para cobrir de flores. Ah! os tristes, os tristes como eu que viram desaparecer a pouco e pouco todos os sonhos da alma e que foram trahidos por todos os amores, os que não têm mais sonhos, os que não têm mais illusões, aos quaes nem é dado visitar sepulcros, esses são mais dignos de pena do que vós, noiva sentida,

que ides cobrir de flores o tumulo de vosso amor. Dizei como poderei enflorar o tumulo que commigo trago cheio de amores mortos, cheio de illusões extinctas, meu coração, meu pobre coração...? Dizei, dizei, como poderei cobrir de flores esse tumulo mysterioso?

Sim, sois mais feliz do que eu, noiva sentida, sois muito mais feliz.»

MYSTICO

Outono. Tempo de safra.

Manhan de amenas e saudosas lyricas, cheia de vago encanto, de suave, doce claridade. Irisamento fantastico de luzes, crispações metalicas de corregos — grande orgia no azul, alegre bacchanal de entontecer na terra. Tudo sorria na frescura matinal da natureza.

Na florescia uberrima das terras, entre os trigos, afogadas na copiosa sagração do sol, passavam cabecinhas de ceifeiras. Foices curvas reluziam como pequenas luas.

Campinos corriam pela planicie: pampilho ao hombro, rindo e cantando entre a manada luzidia dos reforçados touros. E, ao longe, engrossando a egloga dos rebanhos, os rafeiros ladravam.

Cantavam: cantilenas do campo, antigas, cheias ainda da pureza mystica dos primeiros coros; e, mais longe, no fundo do horizonte claro, o perfil dos moinhos, vellejando.

Nas barrancas, ovelhas em grupo, como nas telas, á guarda do zagalejo, enterravam na herba tenra e molhada os focinhos brancos.

Em todos os olhares bons dos camponeses lia-se a ventura, a paz serena dos velhos das tradições seus mosaicas.

Alguns, ás portas das casas, de cangirão em punho, falavam do vinho novo — como na Bíblia, os lavradores de Chanaan, á tarde, de volta dos vinhaes.

O cura, pelo meio do campo, com o breviario entre os dedos, todo entregue ao bom Deus, ia, caminho em fora, dizendo baixo, com toda a uncção, versiculos piedosos.

Sorria para o camponio, para a ceifeira, para o rapazito da herdade, que voltava da turma, vergando ao peso de um braçal de trigo. E os melros, empoleirados nas ramas, irrompiam em assuada ironica de gritos.

O bom velho ia, talvez, para assistir á colheita do trigo para os pães de inverno — pães para as ceias opiparas da casa, pães para as hostias eucharisticas da missa.

Longe, no recosto da collina, descançavam car-

ros com os varaes em terra, os fueiros espetados, hirtos, cobertas de palha. Perto, as mulheres, rebolindo as saias, com os seus corpetes de alamares justos ao corpo, chapéus acabanados, atiravam para os moços dos carros os primeiros feixes de trigo. Ou nos vinhedos, por entre pampanos e parras, como bacchantes desabridas, guardas vigilantes dos racimos novos, sentinellas virgens das sagradas vinhas, cachopas suarentas, offegantes, ligavam as vides, enquanto á sombra outras, meio derreadas, olhavam extacticas, contemplativas, os grandes bois ruminantes.

Ao lado, crianças quasi núas, como nos tempos mortos da innocencia paradisiaca, trincavam frutos voluptuosamente, escorrendo pelos cantos da boca e por entre os dedos o caldo perfumoso das polpas espremidas.

No entanto pelos prados corria, como estribilho alegre, por entre o silencio pacifico da hora, o moroso chiar das noras.

Como cahisse rispivamente o sol, algumas mulheres recolheram-se a cabanas de colmo, por entre os salgueiros das margens do rio.

Foi diante de um refugio desses que o cura deteve os passos. Vinha lendo o «Natal». Cerrou as paginas e olhou em volta.

Uma voz meiga cantava uma melodia acalentadora.

O cura aproximou-se e lançou o olhar curioso para o interior da cabana. Sentada sobre um monte de palha uma rapariga — dezoito annos, quando muito — amamentava o filho. Ovelhas andavam em volta mansamente. Meninos de oito e dez annos jogavam pedrinhas, ao fundo.

Um rafeiro pelludo, olhar inquisidor de sentinella, vigiava a entrada.

O «Natal», a festa da Encarnação do Deus Homem, a divinisação da mulher de Judá pela pomba mystica na noite mysteriosa da fecundação santissima... O «Natal»... Essa leitura e o quadro que lhe attrahira os olhos: a mulher num casebre simples, entre ovelhas e crianças, com um pequeno nos braços e um reverbero de sol em torno da cabeça, tudo rindo explosivamente: o azul, a terra, a natureza inteira... O velho cura foi cahindo em extase.

Lia-se-lhe no rosto todo um poema novo de mysticos assombros.

Seu olhar fulgurava, reflectindo paizagens, meandros de sitios, scintillações de estrellas e, de repente, um sorriso. A alma chegara longe, á borda de uma cisterna, sob um sycomoro — em Genezareth.

As ceifeiras lembravam-lhe mulheres de Jerusalém ou raparigas dos cortejos nobres que bailavam nos festins de Herodes com saias de pur-

pura, arrecadas de perolas, os pés em alpercatas de couro de gazella. Eram companheiras de Salomé, a dançarina, moças que tangiam sistros ou dedilhavam lyras, quasi nuas, estiradas em tapetes, quando o tetrarcha celebrava festas.

E os lavradores — eram rabbinos ou escribas que vinham das synagogas, senão judeus da Galiléa, ricos e poderosos, que voltavam do mercado de Samaria. Eram mais: os pretorianos, eram damas romanas, moças de Bethania, mulheres de Ancyra e, aos bandos, crianças de Sichen cantando psalms ou velhos cabreiros que vinham da montanha. E, como se voltasse, viu sobre os montes os rebanhos que desciam, os moinhos que rodavam as grandes azas. Eram os magos, a phalange de escravos ladeando os dromedarios e os elephantes, trazidos á ponta de lança dos confins do Oriente. E, do alto das torres, negros abocando charamellas, outros mantendo pallios em torno dos solios reaes, ensombrando os verdes baldaquinos de sêda e ouro.

E os presentes em ciborios de esmeralda: a myrrha, o incenso, o ouro; e mais as mulheres que batiam tympanos, outras que vinham com faixas de gaze dançando á frente das caravanas.

Já mais perto soavam os tambores e o cura extasiado, sorrindo, balbuciando, tremia de unção contemplando o mysterio.

Depois o ruído compassado dos cantos ingênuos: eram pastores que vinham ao som de frautas, trazendo pombos e cordeiros e abadas de flores das montanhas.

E o velho cahiu de joelhos, com o breviário entre os dedos, abafado pelo trigo alto e louro, olhando, olhando sempre o pequeno presepe onde Jesus dormia.

E ali ficou muito tempo absorto.

—Eh! eh! lá e, de repente: O senhor cura ! Uma voz fresca de criança chamou-o e o bafo quente dos bois do carro foi-lhe direito ao rosto.

—Licença, senhor cura. Eh! eh! senhor cura!
É o gado!

Elle voltou-se com o olhar desvairado, tremulo, o peito offegante, como se despertasse de um sonho. A criança, com o pampilho ao hombro, passou saudando-o.

Vinham depois pastores e ceifeiros, em bando, ao som de cantarolas e de frautas do campo, e raparigas fazendo voltas, trovando, desferindo cantares aprendidos nos serões, pelas noites de esfolhada ao luar, nas eiras. Depois os nedios bois pacíficos, tirando o carro, com os cornos enastados de ramos, como nas festas pagans. Em cima, sobre o trigo, crianças e raparigas, coroadas de flores, com estrigas na mão, saudando a Terra! Atrás, aos saltos, latindo, os cães de pastorejo.

Fôra esse simples carro de colheita que, com o seu rumor bucolico e festivo, suggerira ao espirito exaltado do velho sacerdote melodias de Israel, jámais ouvidas, cantos da idade santa, hymnos triumphaes e hosannas.

Ainda assim voltou-se para olhar a cabana. Lá estava a rapariga de joelhos, com a criança adormecida nos braços, ageitando-a amorosamente na palha, com um canto modulado á meia voz.

Resignou-se, então e, voltando-se para os segadores:

— Fui apanhado pelo sol no meio do campo, longe do presbyterio e aqui ficarei se vocês não me quizerem dar um lugar no carro. Mas, sem esperar, arregaçando a batina, agarrou-se a um fueiro. Offereceram-lhe amparo, todos queriam acudir ao «Sr. cura» e, a rir, por entre o riso dos rusticos, tomou lugar na seara loura.

E lá se foi, caminho em fóra, ao passo lento dos bois, cheio de unccção e de alegria, como o Espirito da Paz, o santo, o alegre, o abençoado Deus do Outono, o patriarcha antigo das colheitas.

E como cantassem trovas, esse bom velho, com um molho de espigas nas mãos tremulas, entre mulheres e crianças, tinha o ar de uma divindade antiga, protectora das messes, achada á sombra das carvalheiras, que vinha com a sua

voz de cálamo contando aos novos as romanzas das
pallidas camelias e mais as nenias dos lirios
brancos.

E assim entrou na aldeia o primeiro carro dos
primeiros trigos.

FEIRA DE CORAÇÕES

Ouriçavam o caminho, a um e outro lado, os hispidos espinheiros bravos; a terra era dura e secca e, para maior tristeza, as ramarias compactas e negras tapavam todo o céu, tanto que o sol filtrava a custo algumas gottas de ouro, salpicando o chão por onde, ás vezes, lenta e escura, uma víbora atravessava aos colleios.

Á margem de lurido pantano coalhado de hervas aves pernaltas olhavam contemplativamente, pousadas numa só pata, firmes, immotas como esculpturas funebres. E não se ouvia outro rumor senão os turturinos dos pombos selvagens, escondidos nos altos galhos folhudos.

Melhor ficara áquelle sitio o nome de caminho da tristeza que o de retiro do amor, tão mal an-

dava a alegria por elle que, a cada passo, estava a gente a vêr um symbolo tristonho e tudo era tão carregado e grave que a alma, não sabendo como alliviar-se das penas, enchia a soledade com o rumor dos suspiros.

Foi por um fim de inverno, tempo restaurador e fecundo da volta das folhas, que me deixei levar á feira passional das virgens, no monte mysterioso onde a murta, virente e viçosa, começava a cobrir-se de flores.

De muito longe ouvia-se o pregão do mercado e, de instante a instante, um caminheiro surgia risonho, animado, e passava cantarolando alegremente. Outros, porém, merencoreos, calados, desciam com a lentidão dos sem esperança e o ar sombrio dos reprobos.

Á hora justa de começar a feira, ao primeiro prégão, dirigi-me para o planalto do monte onde, á luz viva do sol, alvejavam as tendas das mercadoras. Eram todas formosas, de formusura ideal e immarcessível como a dos immortaes.

Traziam roupas de seda fechadas por atilhos de ouro, nos pés escarpins bordados e á cabeça, prendendo em nimbo a cabelleira farta, reverberos rutilantes incrustados de gemmas. E todas apregoavam: «Corações! Corações para todo o amor!»

E na relva, acamados, semelhando frutos de coral, um cumulo de corações pequenos palpitava.

Moços e raparigas, namorados e namoradas erravam de mouta em mouta, de tenda em tenda, ajustando corações ou trocando os seus por outros novos.

Marina, a minha adorada Marina, dispunha-se a trocar o seu coração. Chegámos ao mesmo tempo perto da vendedora. Embucei-me de modo que a minha amada me não visse o rosto.

E trocámos os nossos corações.

Por fatalidade a vendedora deu-me o de Marina e o meu passou ás mãos da minha amada.

As virgens apregoavam sempre: «Corações! Corações para todo o amor!»

Que inconstante! Que mentiroso o coração de Marina!

Nem uma vez, nem uma só sobressaltou-se com saudades minhas! Palpitava por tanta futilidade, que meu nome, se passava por elle, era com a rapidez da agua dos corregos nas rodas dos moinhos.

O meu, porém, o meu que morava com ella, era todo amor, todo suavidade, e, pela ternura dos olhos de Marina, pelas expressões dos seus la-

bios, comprehendí que o meu coração fiel domara a sua alma perfida.

Aproximámo-nos. Ella reconheceu-me e, languida, vencida pelo coração trocado, o meu fiel coração, declarou-se perdida por mim, minha escrava, minha devotada amante sempre! sempre! sempre!

E o coração de Marina, o voluvel coração dentro de mim, palpitava por outras tantas mulheres, tantas quantos haviam sido os namorados pelos quaes outr'ora palpitara.

Futil! Futil! Futil!

Hoje tu, pobre e mimosa flôr, pensas em mim e eu penso em tantas outras que o teu nome, se passa pelo meu coração, é com a rapidez da agua dos correjos nas rodas dos moinhos.

TANTALO

Plenilunio. Estruge o ruído da bacchanal. Cytharedas syracusanas e auletrides mylesias tangem harpas e diaulos. Ephebos cantam, famulos vozeam e as heteres nuas, titubeantes, levantam rythons de bronze banhando os seios nús em vinho antigo.

Negros enormes da Numidia batem em tamboris, outros em trigonos; mulheres vibram tympanos estridulos, tintinabulam campanas vibrantes e uma rapariga phrygia, brandamente, fere uma lyra de tartaruga indiana.

Servem a ceia fóra: — lauta mesa de varias iguarias: ostras de Carthago, passaros de Phaso, pavões da Media, murêas de Syracusa, figos da Chelidonia, uvas de Athenas, petunclos de Méthymna, ameixas Syrias e tamaras da Thebaida.

As amphoras esvaziam-se nos cyathos. Vasos etruscos voltam das adegas. Transborda o falerno olente e rubicundo, jorram vinhos exóticos nos cymbios: de Cós, de Samos, de Chiraz, da Etrúria.

E o perfume dos vasos rescendendo põe no ambiente estonteante aroma.

Os rouxinões e os melros acordados cantam nos aviários.

E nos tanques de mármore cypolino os cysnes nadam, ao luar, beijando-se.

Começa a orgia.

Herculano manda vir os prisioneiros: lusitanos e gauleses, tomados em Carthago.

Abrem-se as flores da sensualidade!

Plena nudez!

Cada mulher é um rio de voluptia onde brincam dois satyros: os seios. Os barbaros, offegantes de lascivia, pedem com ternos olhos, rangem os dentes e rugem como leões no tempo calido.

«O meu collar de ouro ao mais possante!» — brada Herculano bebedo.

Trava-se a luta da brutalidade! Recresce a musica! Ronca de amor e de sêde a multidão libidinosa.

Cada qual mais sedento e mais cioso arrebatada nos braços uma hetere.

As amoreiras farfalham balançadas; estala o rosmaninho rebuscado.

A grita levanta-se. Jungem-se dois á uma; sacam dos punhaes, defendem a presa; morrem pelo prazer soltando gritos.

Herculano gargalha, aneia e chora. Falta-lhe a força antiga!

Vêm as essencias fortes do Oriente: pastas aphrodisiacas, perfumes sensuaes que revigoram.

As moças e os meninos, com cantares, buscam reavivar-lhe a chamma extinta. Untam-lhe o corpo, beijam-lhe os cabellos, contam-lhe amores eroticos dos deuses.

O velho agita-se de raiva, morde os pulsos, foge ao triclinio nú, descalço, iroso, a cabelleira branca emmaranhada numa corôa de rosas esmarridas.

Tropego, babando-se, caminha apoiado aos hombros dos etruscos. Tenta a vida nos labios de uma grega, busca amores no seio de uma egypticia. Foge-lhe a paciencia. Vocifera e, louco, esbofetêa o famulo que o segue.

Clama debalde contra a materia morta:

«Antes morresse a alma! »

Aqui, tropeça num casal robusto. Pára, escuta os gemidos e as palavras, rí loucamente, applaude, espia, agacha-se e, para saciar o seu despeito, crava o estylete nas carnes dos que gozam.

As syracusanas fogem do velho gasto espavoridas. Atiram para longe os instrumentos, entram nas grutas arrastando os ephebos. Pedem, imploram, rojam-se entregando-se e, de repente, estorcem-se gemendo, braços nús, seios nús, brancas e sofregas, balbuciantes, lubricas, exanimes.

Herculano grita pelos barbaros, chama pelas mulheres, brada, ordena que se suspenda a bachanal infrene.

Ouve-se apenas o concerto languido dos beijos altos do cunnubio enorme.

Herculano desvia-se dos pares, foge da *villa* como de um inferno. Olha em frente:

O mar! Tambem o mar!

Por sua vez a lua entrega-se: hetere do azul, ao mar, o barbaro.

Olha, pragueja, blasphema e, arrancando da cabeça a fanada corôa, precipita-se da penedia e mergulha no mar.

«Antes morresse a alma!» exclama vindo á tona agonisante.

SAUDADE

Sorrindo, foi aos poucos desmaiando e, como se apenas a tocara o somno, uniu os grandes cílios, exaurindo em suspiro flebil a primavera dos seus dezeseis anos. Julgaram-n'a, a principio, adormecida e só aperceberam-se da morte quando a rijeza a inteiriçou no leito.

As estrellas, no céu, esmaeciam, a luz sanguinea e quente renascia e a voz das aguas limpidas baixava quando por ella correram, tristes e copiosas, as lagrimas primeiras.

A brisa da manhan veiu encontrá-la morta, estendida num caixão de pinho, entre lírios e rosas: o formoso semblante esmorecido, calmo e parado o collo, velados para o todo sempre os olhos meigos e as mãos unidas como se a morte a surprendera em devota e piedosa reza.

Morta! Todavia no seu rosto, como duas flores salvas das nevadas, purpurejavam ainda as rosas do pudor.

Cirios ardiam em redor do esquife e toda a casa trescalava o aroma das capellas, que flanqueavam a morta sorridente.

Entre os amigos da hora derradeira, extatico como em sonho, achava-se o velho scaldo do cantão, septuagenario tremulo, em cujos labios descorados cantava, como em harpa, a musa serena e casta da Finlandia.

Longos cabellos brancos escorriam-lhe pelos hombros curvos e as suas barbas, magnificas e fartas como as de um patriarcha, tinham o fulgor radioso das neves. A seu lado, quasi roçando o panno do seu manto claro, um moço, trajando singelamente como os pegureiros: no punho, cajado forte, a cornamusa á banda, olhava atravez de lagrimas a formosa defunta.

A voz cançada e rythmica do scaldo, em elegia sentimental e terna, recapitulou a vida da finada:

«A andorinha emigrante volta ao seu destino — o inverno abateu o ramo, a ave desferiu o vôo. Para ella começou a primavera de sempre. Essa não manchará mais nunca o sol com a sua sombra nem mais a terra soará com o rumor dos seus passos. Seu coração emmudeceu antes de balbucia; a flôr mirrou no caule sem que a beijasse

a abelha. Porque chorais? Se é pela innocente fazeis mal — ella era pura: voltou á sua pátria como a onda reflue ao oceano. O sargaço guarda-o a arêa das praias. Não choreis a terra que torna ao seu jazigo. Deixai partir! Deixai partir!»

E o scaldo emmudeceu.

No silencio de todas as saudades apenas persistiu o soluço maguado do solitario moço. De pé, braços cruzados, mudo, tristonho e só, elle, entre todos, era o unico cujas lagrimas, serenas e silenciosas, cavavam sulcos no rosto angustiado.

O scaldo emmudecera, todo o rumor de lastima cessára e elle, constante e firme na tristeza, continuava a funebre elegia com as suas lagrimas, com os seus soluços.

Á hora em que o feretro sahia dessappareceu no valle cavo é fundo o solitario moço melancolico.

Ardia o sol de Junho mirifico e resplandecente, curvando largos iris diaphanos nos altos cimos das montanhas toucadas de neve.

Um murmurio de pena corria por toda a varzea. A voz cançada e rythmica do scaldo falou no campo compassadamente, pronunciando o nome da

finada e dos ramos, em abalada ruflante, aves fugiram espavoridas esparzindo, com o bater das azas, flores sobre o esquife aberto.

Quem andava a lavrar corria á margem do caminho, trazendo á mão os ferros do serviço e, humilde, ficava a olhar até que as ondas dos trigaes doirados o abafavam de todo.

Do valle, como um soluço, subia, de vez em vez, o som dolente da cornamusa triste.

Sob as arvores verdes e frondosas da aba da coilina, no sitio mais nemoroso e mais calado, parou o funebre cortejo e, quando o pequeno esquife pousou na terra fôfa, a voz do scaldo ergueu-se e disse por todos o derradeiro adeus á fallecida. Por estranha coincidencia, no valle cavo e fundo, a cornamusa resoou gemente. E todos olharam na direcção do valle.

Rolara sobre o corpo frio a primeira camada de terra e ia rolar segunda quando uma criança, a sorrir, apontou para uma chamma azul, leve, oscillante, que pairava, como um lampyro, acima da sepultura.

Espantaram-se todos, mas o velho scaldo acalmou os camponeses:

—Não receieis! O que vêdes é o fogo santo, o lume mysterioso da ara do sacrificio: é a flamma dos cemiterios, cirio dos tumulos que a terra misericordiosa accende para alumiar os mortos.

E a cornamusa, á ultima palavra do septuagenario bardo, soou mais próxima e muito mais dolorida.

O cantor nacional voltou-se e viu o solitario moço de pé, sob a copa das arvores. Viu-o aproximar-se, ajoelhar-se de mãos juntas, o olhar em extase, enlevado. E o lume tumular que errava foi, aos poucos, procurando-o como a pyrausta procura a claridade e penetrando-o, penetrando-o sumiu subitamente como extinto. O scaldo, porém, que acompanhava os movimentos do solitario moço, viu-o sorver o lume funerario.

Depois da singular eucharistia ergueu-se e foi por entre as arvores chorando.

Tempos depois, seguindo a accidentada trilha das ovelhas, por entre os hirtos pinheiros sombrios, o scaldo errante encontrou o solitario moço inconsolavel.

Falou-lhe pedindo explicação do caso estranho e o moço disse:

«Scaldo, a minha crença, talvez falsa, é esta:

—Os mortos amados, os queridos mortos vão-se para sempre, mas deixam, como lembrança, no coração dos adorados, o lume da saudade.

A saudade é um fogo fatuo — é o santelmo d'alma — erra por ella como a chamma feral pelos cemiterios: é a luz cirial que fica para aquecer-nos na hora da desesperança.

Nasce em uma recordação e extingue-se com a morte. Em uns, passa como lume vago; em outros fica e abrasa e queima e pulverisa, reduzindo todo o sentimento á cinza fria da tristeza, esterilizando a alma para que nella nunca mais viceje o lírio do amor, casto e sensível, como em mim sinto arder ainda, em meu peito, morto e mudo como um sepulcro, a saudade incoercível, errante no meu coração, illudindo-o, consolando-o, com a miragem passional do amor finado.

A saudade é a alma de todos os amores, alma immortal e triste — perdura, fica eternamente, ainda que o affecto desfalleça e morra.

Esta é a minha crença, scaldo, faze d'ella a tua ultima ballada e canta-a pelos casaes aos namorados.

Dizendo estas palavras foi-se, tocando tristemente a cornamusa triste.

O PHILTRO DE FAUSTO

Dos manuscritos de Karma, poeta do amor

— Agua de Juventa, elixir passional do Dr. Fausto. Vende-se aqui.

Taes palavras de annuncio, em grandes letras brancas, destacavam-se vivamente do fundo roxo negro de uma taboleta em fórma de coração, que encimava a padieira de velha porta baixa, grosseira e solida, que resoava como se fosse de bronze, quando alguém levantava a aldraba, que era uma formidavel garra de abutre apertando uma bola. Durante o dia raramente apparecia aberta; á noite, porém, escancarava-se e vinha sentar-se á soleira, guardado por enorme cão cerdoso, o chimico: velhito mirrado, rachitico, vestido com uma especie de sotaina, com um gorro de sêda escondendo o craneo calvo.

Ás vezes, durante o dia, a aldraba martellava

estrandosamente. Sahia gente a vêr quem era — homens, quasi sempre. Raro em raro, uma mulher velada, evitando discretamente os olhos curiosos.

Corriam versões sombrias sobre o mysterioso velho. O pharmaceutico Rogerio, que fazia de medico no lugar, contava que, certa noite, recolhendo de uma visita, encontrara Fausto com um bruxo de cornos e olhos de fogo zangarreando modas numa guitarra fanha e bailando em volta de uma cruz do caminho.

Outros boatos appareceram, e tal se tornou a lenda da casa mysteriosa, que, á noite, ninguem ousava aproximar-se della. Os que moravam na visinhança, a pretexto de ouvirem gritos e gemidos a horas mortas, foram abalando, de sorte que a rua ficou deserta, todas as casas fechadas e apenas, de longe em longe, quebrava o triste silencio o uivo triste do cão que guardava o velhito, no limiar do mysterioso pardieiro.

Um dia, porém, desapareceu do lugar uma rapariga noiva — Dyonisia de nome. Diziam-na virtuosa e casta, de sorte que a noticia de tal sumiço despertou suspeitas de crime, porque ninguem a julgaria capaz de dar passo fóra da linha da virtude e da honra. Os pais, camponios pobres, lastimavam-se e fazia piedade ouvir-lhes as pala-

bras de agonia e as tristes exclamações de misericórdia.

Gente peregrinava para ir vêr a cabana de onde desaparecera a donzella. As portas não mostravam o menor vestigio de violencia, e uma janella, que abria sobre o pomar, tinha sobre o peitoril os vasos de cravos e de rosmaninhos que a moça cultivava. Não fôra por ali, de certo, que sahira.

Novas lendas surgiram e o terror apoderou-se de todas as almas. O proprio Rogerio, atrevido como era, nunca mais ousou sahir de casa á noite. Debalde batiam á sua porta os que tinham doente em perigo. Rogerio não corria o ferrolho e nem sequer apparecia ao postigo.

Uma tarde, porém, mulheres que voltavam do rio estarreceram espavoridas diante de uma apparição pallida, quasi diaphana, que vinha grave, lenta e tristemente, d'olhos extaticos, as mãos no peito, balbuciando coisas indecifreveis, como uma somnambula. Reconheceram Dyonisia. Vendo-a, porém, transfigurada, sem côr no rosto e sem luz nos olhos, ella, a mais córada e d'olhos mais lindos do lugar, assustaram-se de tal modo que não houve contê-las: abalaram a correr gritando, como um bando de pombas bravas sorprendidas á beira d'agua.

E Dyonisia, sempre serena, indifferente, impassivel, seguiu pelos caminhos ermos, o só parou á

porta da cabana fechada e deserta, porque os pais haviam partido uma manhan, levados pela esperança de encontrar a filha.

Dias e noites viveu ao desamparo a pobresinha, até que uma manhan pastores foram achá-la entre urzes, morta, regelada e pallida, os olhos tristes abertos para o céu tranquillo, as mãos ambas no peito — e piedosamente cavaram uma sepultura. Mas a lenda ficou em cantos melancolicos.

Annos correram.

Uma manhan, a gente do lugar, attrahida por crescente rumor que vinha da rua solitaria em que habitava Fausto, acudiu curiosa. Á porta, multidão de homens e mulheres bradava em altos gritos indignados, atroando os ares com as pancadas sonoras da aldraba formidavel. E chegavam constantemente novos grupos, e a furia crescia ameaçadora e terrivel. Por fim a porta escancarou-se e assomou na soleira, pallido, escaveirado, com os olhos em chamma, os dedos crispados, Fausto, o chimico quasi nú, com um panno á cinta e todo manchado de sangue.

Homens e mulheres arremeteram contra o velho que não fazia um gesto, parecendo petrificado de espanto:

—Embusteiro! bradavam e elle olhava a fito a multidão, impassivel e calmo, como se a desafiasse. Por fim, acalmando-se a ira do povo, Fausto falou gravemente:

—Embusteiro! dizeis, porque o meu elixir não produziu o effeito desejado. Mas que hei-de fazer, dizei? Que hei-de fazer se não ha mais amor no mundo...? Entrai, vinde vêr vós mesmos. Vinde vêr, para que não me accuseis injustamente. Entrai.

E o povo precipitou-se pela passagem estreita, seguindo o velhito que caminhava á frente, alumando com uma lanterna um estreito corredor humido e lobrego. Por fim chegaram a uma grande sala vasta e abobadada, que era a officina mysteriosa do chimico. Ao fundo, grande fornalha em chammas espalhava clarões purpureos pelas muralhas sombrias, garabulhadas de inscrições cabalisticas. Grandes livros de magia amontoavam-se pelos cantos; e balões, retortas e alambiques; e sobre uma mesa purpurea apinhavam-se corações.

—Vêde, disse dirigindo-se á multidão — são corações de virgens. E, afastando rapidamente um reposteiro negro: Ei-las ali, as donas desses corações; parecem sombras, são espectros que deambulam, insensíveis.

Mulheres de fôrmas esplendidas, alvas, morenas, inteiramente nuas, passavam de um para outro lado, absortas, caladas, como visões. Não se lhes ouvia o rumor dos passos, tão lentamente caminhavam e do que diziam percebia-se apenas leve e brando sussurro como o de fio d'agua correndo per entre folhas.

—Vêde, são virgens, foi dos seus corações que extrahi o elixir que adquiristes.

—Mas annunciaste amor e déste-nos vaidade, hypocrisia, perfidias e traições. Dai-nos o que nos prometteste.

— Amor? Onde encontrá-lo? Onde encontrá-lo, se o amor desapareceu dos corações? Vêde, tenho explorado mais de mil e só em um encontrei o que pedis, em um só! Esse, porém, mal o toquei, cerrou-se como a sensitiva. Dos outros extrahi pacientemente a mysteriosa essencia, que vendi como philtro, julgando que os corações só produzissem amor. Dizeis que vos dei vaidade, hypocrisia, perfidias e traições... são fructos dos corações das virgens.

Que culpa tenho eu? Revoltai-vos contra os corações que não produzem amor. Eu não fiz mais do que extrahir a essencia que continham. Julguei que fôsse amor, era vaidade. Que culpa tenho eu se o amor não floresce mais no pequenino vaso em que a alma o cultivava?

E, deixando pender a cabeça sobre o peito, murmurou tristemente:

— E eu, dentre todos, fui o mais illudido.

Envelheci procurando a flôr do sentimento, e só encontrei a urze esteril e a hera maninha. O amor não floresce mais. O coração vive carregado de parasitas: vaidades, hypocrisias. O amor não floresce mais! O amor não floresce mais!

CANÇÃO TRISTE

Dos manuscritos de Karma, poeta do amor

É tua a vez, ífadir, disse Soliman, o nômade. Conta-nos alguma coisa.

As lendas do teu paiz são bellas como as fantasias do sol nos areaes.

Depois da historia de Mejrurn, o cego, vê se nos dás uma canção de amor. Terás um bracelete de Golconda e um toucado de lan de Cachemira.

Nadir, a bengalina, noiva do forte e generoso Achan, travou do repábil e começou o cântico dolente de Avyanath, a peregrina:

Tempo do myrtho, tempo das anemonas. Eu-tila o sol na cúpula do templo. Zumbem pelos ver-geis bandos de abelhas.

Quando Salem apparecia, todas as flores desabotoavam.

A boca de Salem era a colmeia; os dentes brancos, fulgidas abelhas; o beijo, mel; a voz, zumbido; e todo elle um tronco esbelto de palmeira nova.

Avyanath, princeza e prophetisa, amava-o occultamente.

O collo de Salem, pastor de cabras, tinha o perfume agreste dos baledos, e, quando elle falava, era como se a brisa sacudisse magnolias e jasmins.

II

Quando o avesso do azul, a treva escura, dilatou-se no espaço, Mahalaat, o rei negro, Malahaat, o chefe barbaro, vendo Salem nos braços brancos da princeza, arrancou-o para o todo sempre ao amor cravando-lhe no coração a cimitarra adunca.

Eis por que sempre Avyanath chorava quando volvia a noite. Chorava, a triste, porque no coração da selva havia enterrado o coração do amante.

Alta noite, atravez dos bosques, caminhava. Ia pelos socalcos das montanhas, galgava penedias

e vallados, levando-lhe a tristissima saudade num calice de flôr.

Num cálice de flôr ella chorava — e as suas doces lagrimas sentidas mal cahiam na terra desapareciam pela sepultura.

De muito choro doloroso e triste já lhe escorriam lagrimas de sangue.

Olhos cerrados, roxos, denegridos! Olhos como um casal de conchas raras de onde instillava a purpura doída — pranto do coração, lagrimas puras.

Moças de mil aldeias, namoradas, traziam oblações de pranto á selva, em calices de flores. Vinham, pelo luar das noites misteriosas, cantando idyllos tristes, molhar a sepultura.

Quantos amores! Quantos desesperos o coração sepulto absorvia: traições de amor, juras mentidas, agonias, esperanças e saudades.

Salem, dizia Avyanath, Salem: Eu guardo-te as feições dentro em minh'alma como a mãe guarda o filho no seu ventre.

A vida é como o fluxo do mar: Vai-se um prazer, vem outro, ainda mais outro, mas vida sem amor é mar de gelo.

III

— Avyanath, formosa, attende: O amor é como o fluxo do mar — vai-se uma onda, vem outra, ainda mais outra. Salem dorme na selva o tu nas tendas.

Já esqueceste o morto inteiramente. O inverno da tristeza entrou-te n'alma, buscaste a primavera em outro seio.

Andorinha do amor, o amor floresce!

Volta á selva, formosa! E na tenda do chefe Mahalaat entrou uma das pombas do deserto:

Vem commigo ao deserto — o amor floresce.

IV

Na erna sepultura abandonada crescera um delicado arbusto — crivado o caule de milhões de espinhos e terminando em flôr.

Avyanath colheu uma das flores — flores setineas, petalas de sangue e todas, no feitio caprichoso, iguaes a um coração.

Um coração partido em mil pedaços, vindos

do coração sepulto. E no centro da flôr doirado pollen lembrava as tristes lagrimas levadas, em calices de flores, pelas moças enamoradas das aldeias.

V

Quando as rosas rescendiam, pelo vigor primaveril dos campos, Avyanath sahia da cidade. Ia pelos caminhos e veredas cantar o seu romance nos rosaes. Rosas, d'antes brancas, purpureavam-se.

Pastores encontravam-n'a. E, se a viam as moças das aldeias, bailavam de contentes: Era o tempo das flores e dos beijos. Avyanath annunciava a Primavera.

Louca, vagava pelos arredores. Passava em torno da cabeça rosas, rosas pelos quadris, rosas nos braços, dava rosas de esmola aos insensíveis, e, para alimentar-se, muitas vezes, comia as rosas com que se enfeitava.

VI

Hoje ainda é uso, nas aldeias, a permuta de rosas entre os namorados — duas rosas, porém,

numa só haste: elle e ella: Salem e Avyanath, como symbolo do eterno amor das almas.

Rosa! coração aromalissimo, Rosa de lagrimas e de sangue, flor alegre, flor triste, incomprehen-sivel flor do espinho e do perfume. Por mais que te desfolhem, perseverante symbolo, em cada uma das tuas petalas ha sempre a imagem meiga do coração partido.

Num beijo — como na petala de uma rosa existe o coração perfeito — a alma inteira palpita...



—Bravo! applaudiram os nomades. Bravo! applaudiu Soliman!

Mas a historia que nos contaste nada tem do alegre, Nadir, não obstante aqui tens os teus presentes. E, brandindo o alfange á luz que irradiava: A cavallo! bradou. A lua branca esmaece.

NA THEBAIDA

Caverna lobrega.

Lenta e lenta, gotta a gotta, a agua instilla, deriva em perenne fluir: dimana como em lagrimas e pinga das aculeas stalactites brancas, que dão á profunda cava, erma e sombria, a semelhança de uma fauce hiante, denteada de hispidos colmilhos.

O dia passa, a noite passa, e sempre a saxeia guela escancellada vorazmente, ao sol, á treva, aos ventos.

Féras não a procuram nem peregrinos a querem: é o refugio merencoreo das estriges e dos gypaetos.

Dizem que nas éras mysticas, quando os desertos acolhiam no seu mysterioso silencio os penitentes, que trocavam o rumor do mundo pelo re-

colhimento das furnas, vivendo, como os troglodytas, no remoto exilio das grutas, onde nem a luz penetrava, um caminhante, vestindo humilde estamenna, os pés feridos do saibro e dos espinhos, baculo no punho, em volta da cintura o cordão do cilicio, desfiando piedosamente as contas de um rosario, atravessou os umbraes de pedra da caverna.

Solitarios que, psalmodiando, desciam ás fontes para encher os pucaros grosseiros; monges, causticados pelos remorsos, que se flagellavam ao sol, clamando; anachoretas extaticos que, á noite, pela isolada e tenebrosa arêa, perambulavam cantando mementos elegiacos; septuagenarios acrysolados na penitencia, quasi espiritos, tão pouco se lhes via, atravez do capuz do habito, traços das lividas feições que, tremulos, tremulos, apenas moviam os labios sem proferir palavra, orando intimamente, com os braços erguidos para o céu, nem um só viu jámais o eremita da cava.

Desmaiavam as ultimas estrellas; as corças desciam ás ribeiras claras; alumia-se o alvo e extenso deserto de orlas amplissimas, monotamente vagas e indefinidas, quando surgiu á porta da prisão granitica o caminhante melancolico. Alongou pela amplidão os olhos anhelantes e descobriu longo,

além das dunas, colmos de habitações, disseminadamente — uma aqui, outra além.

Alçou os braços aos céus em supplica desesperada e partiu a correr na direcção da aldeia expiatoria.

Por vezes, sob seus passos, uma voz surda resmoneava plangentemente; do sólo emergiam bureis e desapareciam a subitas. Toda a terra adusta do deserto parecia gemer pelos grandes peccados do homem.

Ao murmúrio lacrimal das fontes juntava-se o clamor dolorido dos que se purificavam. E o sol calmo, de esplendor tranquillo, bebia o sangue dos hombros claros dos eremitas lacerados pelas cordas incisivas dos lategos disciplinares.

E o caminhante ouvia o pungitivo rumor das agonias santas, sofrendo mais, talvez, expiando mais cruamente o seu peccado sem chorar, sem gemer, do que todos quantos se contorciam, escabujando, a boca aberta em hiato de ansia, louvando o Senhor no guaiar estridente, ao silvo das cordas que lhes zebavam as carnes.

Passou e deteve-se arquejante junto de uma meda de palha, que era uma cabana, em cuja entrada um vulto encolhido, de mãos postas, o queixo nos joelhos, dizia baixinho, sem accento humano; «Deus meu! Deus meu! Deus meu!»

«Espírito eleito, santo, santo bemaventurado, se ainda te alcançam as palavras de um profano, attende-me! salva-me, piedoso!»

O velho estremeceu como se uma lutada gélida lhe tivesse mordido as carnes resequidas e, muito a custo, tremulamente, levantou a cabeça pensadora. Longas barbas ficaram de rojo pela terra cavada pelos seus joelhos.

As luzes dos olhos resplandeceram em transfiguração. Todo elle transpirava pureza. O seu halito era suave como o fumo odorifero dos thuribulos.

Acenou: — Que falasse.

E o caminhante, cahindo na terra de joelhos, disse:

— Culpas, se culpas são desvios d'alma, culpas tremendas, bendito monge, fazem-me penitente.

Onde se póde achar o bem? Onde demora a paz? Em que refolho da natureza existe o silencio?

Para calar o corpo, vêde — e abriu a estamemha no peito mostrando as carnes sulcadas de laivos ainda em sangue. Para dar á minh'alma a paz religiosa para que jámais volvesse a cuidar

em crimes, vélo as noites ajoelhado e este rosario de mil contas passa pelos meus dedos mais de uma vez, entre dois soes. Entretanto vejo a sua sombra em toda a parte, a minha propria sombra é ella.

Será o Espirito da Treva que me persegue ainda, zombando de tudo quanto faço?

Ouçõ rumores, creio ouvir passos; volto-me e vejo-a, vejo-a que se encaminha para mim, núa, resplandecente, porque os seus cabellos de ouro seguem-na de rastro. Fala-me, beija-me, sinto-a junto de mim, sinto-lhe o cheiro da carne e o aroma da boca e, no fundo trevoso da caverna em que moro, são seus olhos que me alumiam, e são mais claros que o sol dos dias, mais meigos que o luar das noites.

Se balbucio as rezas das penitencias, em vez do nome da Virgem, em vez do nome divino da Santa das Santas, é o seu nome que me sahe dos labios. Exorcisa-me! Purifica-me, santo. Salva-me! Salva-me! Salva-me! Livra-me da infinita pena, porque bem sei que é o Mau Anjo que me persegue o espirito.

O solitario acenou com a cabeça.

—Dizes que sim. E tu que és puro como a luz, porque não salvas quem te invoca?

A cabeça branca agitou-se negativamente e a voz flebil do eremita disse:

— É impossível. A causa é forte demais. A tentação só poderá deixar-te quando tua alma partir — e levantou os braços para o céu; quando o teu corpo ficar, e bateu na terra balôfa.

O Máu Anjo vive dentro de ti, E impoz a mão sobre o peito do caminhante: Aqui.

— O coração!?

O solitario acenou tristemente:

— Vai! Não podes ser de Deus, outra crença possue-te: amas. Vai-te!

— Mas, tartamudeou o caminhante com os olhos rasos d'agua... se ella é morta...!

O solitario fitou-o muito tempo, e porque o visse chorar, duas lagrimas rolaram-lhe dos olhos.

Por fim, escondendo o rosto dentro das mãos, disse tremente, como se soluçasse:

— Fica, fica entre os penitentes, martyr, e não flagelles o corpo: basta a tortura do coração.

E, com agonia, agitando as mãos em tremor convulso:

— Que cilicio mais duro que a saudade? Fica e concentra o teu espirito. Se o soffrimento purifica, tua alma será por Deus preferida. Fica.

Nada mais disse e, ajoelhando-se, cahiu de bruços o rosto na terra, os braços estendidos, estremeendo de vez em vez, a balbuciar psalmos, talvez, ou as palavras invocativas dos exordios; «Deus meu! Deus meu! Deus meu»!

PSALMO DE AMOR

Mostrais tamanho empenho em que vos conte a historia triste da minha pallidez que vos privar não quero de a saberdes.

Disse-me palavras taes a camponia Lenira, do lugar da Jurema, aldeia escura e pobre, perdida entre montanhas. E, para contar-me a triste historia, pousou junto á fonte a bilha d'agua e sentou-se á sombra de uma amendoeira.

Pallida, pallida, para todo o sempre pallida de amor, de amor sómente. Ao sol appareço pallida, pallida appareço á noite e os vermes da morte fria pallida me acharão no tumulo.

Um moço meigo e forte, guia de rebanhos, foi meu noivo jurado. Arduino! Ainda hoje é assim que o chamam os ais da minha saudade.

Ao tempo do nosso enlace, marcado |para a Conceição, tinha eu treze annos e elle; vinte e dois.

Não havia, então, em Jurema, rosas como as do meu rosto.

Eu ia vê-lo ao monte, á tarde e, á luz pura dos astros confidentes, dizíamos, como em reza, as mesmas palavras ternas de alliança e de amor — amor eterno. E, confiados, esperavamos o dia da ventura. Mas pelo frio intenso desta serra brava, uma noite, Arduino deu-me na boca o derradeiro beijo e expirou nos meus braços.

O enterro fez-se pela hora do *Angelus*. Morria a tarde purpurea, vinham descendo nuvens sobre os montes. O dia todo a chorar, a chorar, bati sebes, touceiras, moutas e ramarias á cata de uma flor, nem uma havia! O inverno, que o matara, fizera o mesmo ás galas das campinas.

Voltei ao colmo funeral onde os cirios ardiam tristemente.

Vendo-me desolada e em chôro, os camaradas pastores fecharam o caixão de pinho, não sabendo, talvez, que era minh'alma que levavam a enterro e o feretro sahiu para a estrada deserta ao som do *Angelus* vespéral, que gemia dolentemente o sino do presbyterio.

E foi-se, acompanhado de amigos e até de ovelhas, das suas ovelhinhas, orphans que segui-

ram balando, balando, a passo, em contínuo chôro até junto da cerca do espinhaes do campo santo.

Iam descer o caixão. Triste caixão sem flores...! Mas como encontrar flores por esse mez asperrimo de gelo, na serra ou mesmo na campina rasa? Ah! meu senhor! O que meus olhos não puderam vêr mostrou-me o coração — flores no inverno!

Ajoelhei junto á cova fria, ergui a Deus minh'alma e, numa prece de noiva, pedi-lhe que colhesse as rosas do meu rosto para ornar o pobre esquife do meu noivo. E Deus ouviu-me misericordiosamente.

Como de um galho que o vento agita e verga, cahem purpureas rosas entreabertas, assim do rosto meu, hoje tão pallido, cahiram sobre o esquife as rosas que o coloriam.

Foi um mimo, o presente final, a derradeira prova d'alliança eterna.

Ide! correi ao cemiterio e vêde. Ha sobre um tumulo duas rosas frescas, não as ha mais formosas em Jurema. Ide e vêde! São as rosas do meu rosto, hoje flores tumbaes.»

Ficaram-lhe os tristes olhos rasos d'agua e, depois de um silencio, disse Lenira entrecortadamente:

«Eis a razão da minha pallidez. As minhas

rosas são do cemiterio, a côr do rosto meu pertence ao tumulo.»

E erguendo a bilha, foi-se balbuciando lenta e pausadamente:

«Pallida, pallida, para todo o sempre pallida — de amor, de amor sómente!»

SONHO DE EVA

Radiando tibiamente, accesa no céu, como a derradeira lampada nocturna, tímida e pallida sumia a estrella da manhan. Laivos de purpura e de perola estriavam o oriente e o Gihon, rolando as suas aguas abundantes, cobria-se de azas brancas e pintadas, reflectindo o vôo baralhado e confuso das garças e das narcejas, que rodopiavam no ar como se fluctuassem na tenuissima neblina vaporosa do rio.

Madrugada loura e tepida, alva paradisiaca do tempo da primavera eterna, aromalisada pelo halito de todas as balsamineas, sonorizando com o gorgueio de milhares de ninhos.

Eva, grandiosa, gigantea, extensamente alongada na relva betada de flores, os grandes braços abertos, rijos, de pé, como duas colunas encima-

das por dois pequeninos sóes vermelhos, os seios virgens, toda núa, muito branca, os cabellos soltos, longos, estendidos pela terra além, como uma corrente fluvial abrindo-se em diversos ramos de ouro, dormia entre as araucarias, rodeada de anjos fortes e de leôas doiradas.

Da harmonia silvestre do ruído das folhas destacava-se, de quando em quando, um trino e na espessa e emmaranhada touceira dos cardos, tigres listrados, formidaveis, enormes, nervosamente encolhidos, miavam enamoradamente á lua que desaparecia.

Por uma fresta fendida na fimbria occidental do azul elyseo, Elohim, abrangendo o mundo com a sua pupilla, mais radiante que os sóes, presidia á festa solemno da aurora que abria defronte um leque de fogo largo e fulgurante.

Por todo o mundo virgem, em aragem quasi imperceptivel, o sopro fabril do Creador passava e a natureza, resentida, recebia-o como um beijo de amor e, prompta como sahira das mãos divinas, ficava logo fecunda.

Eva sonhava — sonho simples, sonho do innocencia. Via-se inclinada em regaço de nuvens, entre estrellas e luas que balbuciavam.

A pouco e pouco, em ascensão, calma como a da nevoa que sobe da terra, sahiram d'entre as

estrellas duas de maior brilho e, caminhando por uma estría de luz, pararam junto do seu rosto, juntas como duas ovelhinhas gêmeas, e falaram:

«Nós somos teus olhos; velamos pela clari-
dade. Todos os raios de luz que andarem pela
natureza faremos descer ao templo do teu corpo.
Tudo da terra e tudo quanto brilha no céu te faremos
gozar — tudo te mostraremos. Evita sermos
vencidas pelas estrellas mais fortes porque ficare-
mos, para todo o sempre, escravas.»

E partiram pelo mesmo trilho, desaparecendo
tranquillamente como haviam apparecido.

Nasceu depois uma grande rosa rubra, fresca,
cerrada e balouçante, como tremulando á aragem, e
veiu com duas petalas em fórmula de azas voejando,
lenta e suave, até junto do seu rosto e falou:

«Eu sou a tua boca; todos os sabores deliciosos
serão por mim communicados ao teu gosto. Evita,
porém, o encontro de uma rosa mais forte.»

E partiu.

D'entre as estrellas saltaram trefegos dois pe-
quenos anjinhos, leves, de agilidade de fluido,
risonhos e, pairando acima do seu rosto, falaram:

«Nós somos os espiritos do som, moramos na
concha côr de rosa dos teus ouvidos, semos os
conductores de todas as harmonias. Tudo quanto

no mundo soar nós te faremos ouvir. Fogo, porém, do arrulho que allucina.»

Depois duas luas alvissimas, redondas, sahiram do grupo, o junto da adormecida, pararam dizendo:

«Somos o teu collo, somos as ultimas sentinelas do teu corpo; no dia em que nos tocarem de leve, um mau espirito acordará dentro de ti e todo o teu sangue se escoará por nós. Evita o choque insidioso.»

Duas borboletas côm de rosa vieram, aos beijos, mansas e meigas e pousaram-lho nas faces, falando:

«Somos a tua innocencia. Pudor é o nosso nome. Sempre que tua alma candida sentir-se de algum modo ferida, subiremos para as tuas faces como protesto auroral da pureza. Vela por nós! — que não nos evoquem com a harmonia traidora!»

Iam abrindo vôo as duas borboletas quando, no ajuntamento de astros, levantou-se grande ruido como se houvesse cahido entre elles um espirito damnado e, em pouco, nada mais havia no céu senão um genio rubro que caminhava para junto de Eva, anciando, como se chegasse de longa e penosa viagem. Corria surdo fremito; vozes tremulas balbuciavam:

«É o mau Anjo que vence!»

Eva estorceu-se, levou as mãos ambas ao peito, soffrendo — sentia que lh'o rasgavam e viu o genio rubro entrar por elle a dentro e, precipites pancadas intimas agitaram-n'a como se o invasor estivesse a pregar a chaga escancarada.

Com a dôr forte acordou. Raiava o dia. Levou a mão ao collo e estacou pasmada. Adão, de joelhos a seu lado, com um lotus azul no punho, refrescava-lhe o rosto. Olharam-se e houve nesse olhar tanto enternecimento que os dois sorriram e, instictivamente, abriram os braços para o primeiro aconchego do amor.

E cantou triumphalmente, á luz da madrugada, o beijo inicial que produziu Caim.

Errantes, caminhando sem rumo atravez da primitiva floresta, cahindo a luz na sua ultima hora, fizeram alto junto de uma caverna, em cuja entranha sombria jeremiava um corrego.

Eva escolheu grandes folhas macias e estendeu sobre o solo de pedra gelada o seu leito selvagem, deixando ao companheiro o cuidado da vigilia,

porque, com o calor abafadiço, os tigres rugiam galopando aos casaes.

Adormecida, Eva volveu ao sonho das noites antecedentes. Viu-se, de novo, no regaço das nuvens, entre estrellas e luas que balbuciavam.

A pouco e pouco, em ascensão calma, como a da nevoa que sobe da terra, sahiram d'entre as estrellas duas de maior brilho e, caminhando por uma estria de luz, pararam diante do seu rosto, juntas como duas ovelhinhas gêmeas e falaram:

«Nós somos os teus olhos; velamos pela claridade. Todos os raios de luz que andavam pela natureza fizemos chegar ao templo do teu corpo. Tudo da terra e tudo quanto brilhava no céu nós te fizemos gozar — tudo te mostramos. Entanto deixaste-nos vencer pelas estrellas mais fortes. Hoje somos escravas dos olhos do teu companheiro, vivemos da luz que as suas pupillas nos emprestam. Debalde as estrellas scintillam, debaldo resplandece o sol, debalde esplende a lua, nós só reflectimos uma claridade — é a que vem dos seus olhos. Somos escravas do sou olhar mais forte.»

E partiram pelo mesmo trilho, desaparecendo tranquillamente como haviam apparecido.

Veiu depois a grande rosa, de rubor pallescente, fanada, sem o primitivo olor e sem o pri-

mitivo viço, tremula como agitada por um vento bravio, com as petalas dobradas e a corolla humedecida. Chegou-se bem junto do seu rosto e falou:

«Eu sou a tua boca. Todos os sabores deliciosos foram por mim communicados ao teu gosto. Não evitaste, porém, o encontro da rosa mais forte e tiraste-me o segredo da minha força, deixaste que me fôsse roubada a mysteriosa seiva, recebeste o beijo e agora, para que cante e sorria, para que me perfume, é mister que me envenenes com a delicia lethal do contacto que canta. Sou uma dependencia agora. O beijo é uma estrophe que duas bocas rimam. Agora é tarde para evitar o peccado sonoro: não posso viver sem elle.»

E partiu.

D'entre as estrellas saltaram trefegos dois pequenos anjinhos leves, de agilidade de fluido, e, pairando acima do seu rosto, falaram:

«Nós somos os espiritos do som, moramos na concha côr do rosa dos teus ouvidos — somos os conductores de todas as harmonias.

Tudo quanto no mundo souo nós te fizemos ouvir. Não fugiste, entretanto, do arrulho que allucina, ouviste a palavra do amor, deixaste-te vencer pelo segredo extasiante, filho do espasmo voluptuoso; não tiveste força para fugir á ro-

manza sensual da carne de sorte que, hoje, tudo quanto ouvimos, tudo quanto percebemos nos parece vago, insono, desharmonico e aspero comparado á musica peccaminosa das evocações lascivas.

Somos para o amor, somos do amor sómente.»

Depois duas luas alvissimas, redondas, sahiram do grupo e, junto da adormecida, pararam dizendo:

«Somos o teu collo. Eramos as ultimas sentinellas do teu corpo. Deixaste que nos tocassem e foi como se tivessem ateiado uma fogueira em nós; sentimos a palpitação ardente da volupia e, dentro em breve, teu sangue, transformado em leite, escorrerá por nós como as correntes descem pelo pendor das pedras. Não evitaste o choque insidioso das mãos do teu companheiro, e agora, enquanto ellas não nos acariciam, ficamos como dois rochedos onde não flue o espirito da vida.»

Duas borboletas côm de rosa vieram aos beijos, mansas e meigas, e, pousando-lhe nas faces, falaram:

«Eramos a tua innocencia. Pudor era o nosso nome. Sempre que a tua alma candida sentia-se de algum modo ferida subiamos para as tuas faces como protesto auroral da pureza, Hoje somos pallares — quasi não temos força, a côm da

aurora vai desmaiando aos poucos. Chamamo-nos vexame, somos agora a tua vergonha. O beijo roubou-nos o encanto.»

Iam abrindo vôo as duas borboletas quando no ajuntamento de astros levantou-se uma estranha symphonia, como se todas as lyras celestiaes tivessem vibrado unisonas.

Correu um murmurio. Vozes commovidas balbuciarão:

—«É o coração... É a arca santa... é o hostiario da alma!» E Eva sentiu que lhe rasgavam o peito e viu no céu, brilhante como um grande sol, cercado pelas visões do seu sonho, o coração, o genio rubro, palpitando, envolto em véu mysterioso, aureolado de beijos e despedindo beijos que, ao cahirem no campo do céu, tomavam formas humanas — uns como Adão, outros como ella propria, aos centos, aos milhões, enchendo a terra, conquistando os mares.

E uma voz estrugiu:

—Longe! Longe do paraiso, Mãe do peccado! Cria, productora de beijos! Cria, voluptia! Prolifera, insania!

E, sentindo que lhe tocavam na boca, estremeceu e abriu os olhos, com um suspiro.

Adão, de joelhos, acariciava-lhe os cabellos, inclinado sobre o seu rosto beijando-o e fóra, na flo-

resta crespá, erravam milhares do anjos expulsos, cantando ironicamente, bem alto, para que chegasse ao céu, o primeiro epithalamio: — *Gloria in excelsis cordi.*

MEMENTO

Formatado: Inglés (EUA)

«Son regard est pareil aux regards des statues
Et pour sa voix lointaine et calme et grave elle a
L'inflexion des voix chères qui se sont tues.»

PAUL VERLAINE.

Formatado: Inglés (EUA)

«... Les gens vraiment amoureux sont des monomanes
comme moi, qui ont une seule idée laquelle absorbe toutes les
sensations.»

IMBERT GALLOIX.

De que provém essa tristeza negra que, ás vezes, por longo espaço, á noite como nas horas claras, subjuga minh'alma ao desespero?

De que repassado amargor é feita, essa nostalgia? Em que penso? Que sonhos corro e porque, de impetos em impetos, deixo longe dos olhos todo o mundo real e entro a seguir caminhos nunca percorridos, mas que vou trilhando visível, sensivelmente como se os pisasse firme?...

Para onde fogem caminhos taes? E as vozes que nelles ouço em que além vão soar? E as gentes, femininas e novas, núas ou mal cobertas de flores, que cantam baixo, tão baixo que é mais pela expressão harmonica do rosto, pelo commissurar dos labios do que por melodia que ouço, que affirmo perceber o mysterioso cantico que afi-

nam. E não tocam o solo porque são aereas, fluidas, fusão de sonho o de sensualismo, que eu sinto, vejo e ouço, mas não prendo? De onde sahem e que destino seguem?

De onde provém essa paizagem estranha e fugidia que de longas e remotas datas minh'alma visita obstinadamente?

Que será? sonho? delírio? amor? saudade ou extase?

Ha de ser extase por certo — extase de delirante.

Sobria de ornatos, ampla e funda como as cel-las monasticas medievas é a camara, a um tempo sala d'armas e bibliotheca. Em meio do tecto, presa por tres grilhões, arde a lampada de ferro, classica, vinda de espolios ancestrais, do aquem das éras, alumando sempre como um astro.

«A officina sombria de onde vieste ao mundo, em algum desvão de cidade artistica, catholica como Sevilha ou barbara como Damasco, não deixou traços dos muros nem sequer, no terreno, resquicio da limalha do aço que os alfagemes bruniram.

Vens, companheira muda de vigalias, do torvo

cyclo ephemero de kabala; vens do laboratorio hermetico, vens da cella alvadia do monge therapeuta; vens, talvez, da tenda de algum chefe christão, guerreiro numantino. Velaste a noite ansiosa, antes da batalha; illuminaste o escudo e a lamina da espada e viste entrar mudo, manietado, á frente da mesnada, o chefe moreno que combatera, confiado á protecção astral do crescente esguio. E quantas vezes morreste soprada pelo halito aromalissimo de uma boca fidalga, para que houvesse discrição no amor, lampada antiga!

Hoje, vetusta amiga, és minha companheira. Fui descobrir-te num inventario de amator, entre despojos inuteis de uma vida... Bem haja o dia em que nos encontramos!»

Penso estas palavras esparecendo de uma leitura sentimental de versos doloridos, quando ouço murmurio vago: — falas, em doce accento de expressão dolente, falas elegiacas, threnos balbuciados, quasi imperceptiveis.

Volto os olhos. Sobre uma cadeira de alto respaldo negro, taxeadado de pregaria de prata, velho movel de Cordova, de ebano e de couro, dorme voluptuosamente enroscada minha gata Titania.

Ninguem mais.

Lá fóra — a não ser o luar que é mudo — silencio.

Disse-me outr'ora um sabio professor de nobres sciencias, poeta disfarçado em philosopho:

«Toda a palavra é um produto complexo em que entram, como elementos constitutivos primarios, o som, que é o aperfeiçoamento rythmico do grito ou do rumor, e a expressão, que é a representação externa da idéa ou do sentimento. Os primeiros vocabulos, no dizer erudito dos mestres, foram interjectivos, nasceram da necessidade que teve o homem de exprimir a dôr, o espanto, a alegria, todos os impetos do sentimento, todas as susceptibilidades da sensação.

O grito é, pois, o germen inicial da palavra. A idéa, immiscuida na emissão, entra na estructura do termo como a alma na constituição do ser: é a essencia. Toda a palavra, concluia o sabio professor, tem alma expressiva, emotiva e immortal — o som passa, mas a idéa fica na recordação ou no livro, que é a memoria das raças, a eternidade do Pensamento.»

«Toda a palavra tem alma» volvo a pensar e entro inopidamente pelo devaneio, perco-me em pleno sonho absorto, o olhar fixo, immobilizado todo como vidente em extase e ouço então, clara e distinctamente, tudo que diz a voz mysteriosa e elegiaca.

Reconheço-a, reconheço-a e o que ella diz, em palavras de rythmo passional, é a minha dolente historia.

Relembra-me um caso antigo, tirado das nevoas densas do passado.

Lagrimas derivam de meus olhos parados. Choro. Porque? não sei — é o degelo da saudade. A harmonia suavissima desta voz que murmura... Mas onde, Deus meu! Corro de novo os olhos pela câmara: deserta. Ninguem!

Onde falam? Que labios errantes e invisiveis pronunciam? Que aereo espirito peregrino, que a vista não percebe, paira balbuciando nenias? Escuto e ouço em silencio pávido.

Deus meu! É em mim mesmo, dentro em mim, no meu ser. É em mim mesmo que a voz murmura, no coração, talvez.

Concentro-me, faço total abstracção de tudo para voltar-me inteiro para mim e ouço.

Fala. E com que dolorosa magua presinto que vive ainda dentro da minh'alma essa que hoje tem os olhos apagados e dorme, junto ao mar, num tumulo de saibro.

O alto relógio de carvalho, movel, talvez, de algum mosteiro antigo, erecto, solemne, freme rispido, range moroso e bate vagarosamente tres pancadas sonoras.

Lenta e lenta vai desaparecendo a múrmura saudade.

Ergo-me, e de pé, com os braços em cruz, respiro afflicto:

«Vieste, alma ciumenta, recordar as juras que trocamos. És bem cruel! És bem cruel, espirito! Que dirão de mim, d'ora em diante, os que souberem que ando entretendo amor contigo, triste, formosa e pallida defunta?»

Freme rispido, range moroso o alto relógio antigo e, de novo, bate vagarosamente tres pancadas sonoras.

Tacito e hirto ouço o murmurio final: «Adeus!» diz a voz quasi extincta e nada mais.

SOROR DOLORIDA

Dos manuscritos de Karma, poeta do amor.

Alta, envolta em tenue tunica pellucida, feita de delicada teia, a mimosa Serise, precursora dos elfos e das willis, cerrando as azas, pequenas como petalas de violetas e pousando no coração de uma camelia, puxou ao peito a sonora guzla e, á triste lua de junho, enquanto os cysnes dormiam entre as nymphéas do lago, soltou a voa cariciosa e cantou a serenata de todas as noites chamando para o bailado as almas das noivas mortas.

Despertaram as rosas, os lirios moveram-se nos caules e as grandes magnolias, flores feitas de luar e de rócio, abriram-se para ouvir cantar Serise, a mimosa Serise, precursora dos elfos e das willis.

Os cysnes vieram de manso, em bando, abrindo as aguas tranquilladas do lago quasi sem agitar as

palmouras, e estacaram emquanto de longe, nos clarissimos raios do plenilunio, vinham chegando os pallidos espiritos das amorosas finadas, das tristes noivas mortas antes do primeiro beijo.

No ar perfumado, como se a brisa cantasse, soava melodiosissima surdina. Rouxinoes errantes voavam de ramal em ramal e calhandras acordadas espiavam dos ninhos a nuvem rutilante das almas, que vinha pela claridade, precedida das willis de rosto resplandecente e dos elfos pequenos, montados em pyrilampos.

Ia começar o bailado das noivas.

No mosteiro da Agonia, velho solar religioso do tempo das cruzadas, as monjas rezavam psalmos merencoreos e pelas ogivas passava, de quando em quando, uma frecha de luz cirial.

Lá, todo o mysticismo austero da religião; á borda do lago diaphano a dulcissima serenata das sombras. Lá, as monjas tristes, soffrendo no eterno exilio do amor, com Deus por noivo, Deus o insensivel, Deus o adversario inclemente do beijo; á margem transparente da agua, a saudade posthuma das que haviam sonhado no braço do promettido, entre acacias e jasmineiros, á hora calada e romantica da lua.

Serise, vendo aproximarem-se as companheiras, desferiu o vôo para recebê-las em pleno ar brumoso, cantando e tangendo o sonoro instrumento.

Foi-se e a camelia, pouso da pequenina precursora dos elfos e das willis, cerrou-se para que as phalenas nocturnas não polluissem o lugar em que estivera a meiga, a blandiciosa e candida Serise.

Quando a caravana das viajantes impalpaveis baixou sobre a superficie quieta do lago brilhante, os cysnes soltaram a voz e a noite encheu-se com a dolente serenata.

Longe, no triste mosteiro, os psalmos continuavam.

Formadas em circulo as mãos, de neblina fria, apertadas umas ás outras, as tristes almas começaram a voar, pairando á flôr do lago, enquanto Serise e os rouxinoes cantavam: ella, em um raio de lua; elles, nos ramos do salgueiral.

Subitamente uma das willis, a mais pallida, saltou no circulo das mortas e, sacudindo um ramo de cypreste, fez cessar o bailado nocturno:

«Mortas de amor, willis e elfos das noites serenas, um momento!

Houve uma pausa longa, os passaros calaram-se, calou-se a voz da pequenina Serise, e a grande willis falou:

«Ali em baixo, naquelle triste mosteiro, soror Dolorida, a apaixonada, agonisa. Noiva, como vós

outras, soffredora, como vós outras, a captiva do claustro em breve estará comnosco para contar-nos a historia do seu coração. Esperemos em silencio a alma que se vai desprender.

Todas as da comitiva aerea pousaram silenciosamente, umas sobre as flores aquaticas, outras sobre os ramos ou estenderam-se como visões de nevoa sobre as moutas enfloradas, onde palpitavam ninhos.

Subitamente uma especie de soluço passou plangentemente pelas ogivas do velho mosteiro.

«Ei-la comnosco, a alma apaixonada da monja! Ei-la! Ei-la!» E a grande willis estendeu os braços na direcção do mosteiro.

Vinha, com effeito, pelo ar quieto uma especie de nebulosa estrellada.

Fez-se triste silencio na mysteriosa paizagem. Nem um ruflo de aza, nem um turturino de pombo.

Quando o espirito da monja desceu entre as almas das noivas, a grande willis, a mais pallida, adiantando-se, dirigiu a palavra á recémvinda:

«Soror Dolorida!»

A nevoa diluiu-se e as estrellas que ella trazia comsigo redobraram de fulgor.

«Soror Dolorida, tornou a rainha das willis. Chegastes á tribu das eternas saudosas, chegastes ao bando da melancolia eterna. Para que vos pos-

samos admittir é mister que nos conteis a historia do vosso sofrimento.»

A nevoa estrellada, revolvendo-se como se soffresse, disse, com doloroso accento:

«Foi-me a vida inteira uma dôr sem allivio. Meu coração, durante muito tempo, teve a esperança de um hospede amoroso. Um dia passou-me pelos olhos um raio claro que vinha de outros olhos. Não sei que luz estranha illuminou minh'alma entristecida. Abriu-se-me alguma coisa dentro do peito, ouvi musicas o canticos dentro do coração e minh'alma cavatinou de gozo em meus labios, quando uma boca sorveu, pela primeira vez, o beijo da minha boca. O amante que meu coração elegeu...

«Trahiu-te!» disseram as wiilis a um só tempo.

A nebulosa revolouteou e, usando novamente da palavra, disse:

«Eu sou a alma mais ferida que ora tendes comvosco. Vêde as chagas que tenho, vêde as minhas feridas...»

«Estrellas...»

«Sim, estrellas porque as feridas do amor são astros. E foram ellas que alumiam minh'alma na grande noite do mosteiro. Para viver revolviam as feridas do coração procurando arrancar-lhe a recordação e a saudade, que são as dôres das chagas da alma.

Na cella onde me encerrei desfiei toda a minha agonia — enquanto as outras rezavam ao Deus morto eu rezava sobre o coração finado debulhando o rosario do meu pranto sentido. Era a mais pura do claustro porque era a que mais soffria.

Ouvi! rezam psalmos a Soror Dolorida, a santa. Santa, martyr! martyr da religião mais pura e mais consoladora — a do coração: o amor.»

E as estrellas da nebulosa começaram a estilar gottas de luz.

Guardai as vossas lagrimas, guardai as vossas lagrimas. Irmans, noivas mortas de amor, disse a grande willis agitando o ramo de cypreste — é quasi aurora, temos mais uma fonte de orvalho: Soror Dolorida, a monja. Partamos!»

« É quasi aurora...»

E, reunindo-se, accenderam todas as nevoas rutilas desfiando o pranto da saudade — o orvalho das manhans que alimenta e dá vida ás rosas.

LACRIMATORIO

Em todo o dia não apparecera o venerando, o centenario Clodio.

Á meia noite, a ronda do convento, balbuciando psalmos de agonia, parou junto ao portal da sua cella. Um monge ergueu vagarosamente a cruz da aldraba e o écho da pancada reboou longo e soturno pelo profundo corredor do claustro. Nada.

Corriam lendas sobre o venerando frade. Uns accusavam-no de professar a hermetica, outros de relações com máus archanjos.

Quem se ajoelhasse junto d'elle ouvi-lo-ia pronunciar um nome de mulher de mistura com os sagrados termos das antiphonas.

A ronda quieta, em grupo, junto ao portal, fez o maior silencio. Nada. Um monge adiantou-se e, novamente, na bronzea placa, a aldraba tatalou.

Nada. Ainda nada.

A ronda, então, voltou ao rythmo dos psalmos arrastando as sandalias pelas lages.

Venus pallida era a unica estrella viva quando os frades começaram a arrombar o portal forte da cella de frei Clodio.

As pancadas cahiam rudes na madeira rija e, de longe, do côro, vinham doces, em melodia santissima e consoladora, os primeiros canticos de Matinas.

A vivos e repetidos golpes o carvalho entalhado do portal fendeu-se e a alvura das muralhas caiadas, escorecidas apenas por um cruzeiro, de cujos braços cahia um panno branco, feriu a vista dos monges.

Foi o velho abbade o primeiro que poz o pé no cubiculo mysterioso.

De bruços sobre um grabato, inteiriçado como por um grande inverno, Clodio jazia morto. Exacticos e lacrimajando, os monges balbuciarão, como se offerecessem, em hostia, ao Deus das phalanges fortes, ao Deus consolador, a alma velha e sem macula que se desprendera.

Mas, subitamente, um professo, desviando um panno de canhamo grosseiro, recuou assustado, murmurando: «Os philtros! A hermetica!... Era feiticeiro Clodio!»

Todos os frades olharam na direcção do braço que apontava. O espanto deteve-os. Foi mister que o abbade, tomando a frente ao grupo, fôsse á prateleira examinar os estranhos objectos do segredo do monge.

Eram bocaes finissimos, cheios de liquidos de diversas côres — acima de todos, dentro de uma moldura de cypreste e de rosas, como em retabulo, a imagem de um coração crucificado — e um velho pergaminho onde Clodio traçara tremulamente estas palavras amargas:

«Em oitenta annos de clausura austera não fiz mais do que estudar as agonias no breviario do meu coração. A minha cella foi sempre o laboratorio do sentimento humano. Em oitenta annos de clausura austera não fiz mais do que estudar a lagrima — desde a do pequeno que lavei para a vida até a do velho que ungi para a morte.

Irmãos, pensai! Nós outros transportamos dentro em nós um diluvio perenne — a alma, lagrima espiritualizada, inunda-nos; apenas fluctua salvo, como pequenina arca de alliança, o coração, onde temos todas as especies de alegrias, todas as especies de amargores.

O nosso coração é uma arca fechada. Nunca poderemos soltar livremente o Amor, a pomba promissora, para explorar a ventura suprema, trazendo-nos, de volta, o beijo, o beijo que é o signo dá vida. Sahe-nos apenas do coração o corvo — o desespero negro que se nutre e vive da nossa melancolia.

Soffremos como Laocoonte — apertados nos aneis da volupia fervente.»

Lidas palavras taes no velho pergaminho, o abbade adiantou-se para examinar os bocaes o ler os disticos que os explicavam:

«Branca: lagrima dos pequeninos, agonia do sorriso. É igual ao orvalho porque vem do céu.

Saphyrina: estellicidio da primeira saudade, nostalgia do azul, lagrima dos balbuciantes. Verde: rócio dos primeiros sonhos, aurora da duvida. Ambar: as primeiras esperanças, côr fugitiva das madrugadas — lagrima do tempo dos ideaes, os primeiros desejos. Rosea: lagrima de alegria, recolhida na palpebra de uma noiva.

Roxa — sangue da saudade, lagrima que absolve, agua lustral do coração dolorido. Negra: a lama da alma — lagrima do remorso. Violacea: lagrima da ingratidão. Flamminea: lagrima da carne, suor da volupia, lagrima que sempre chorei, lagrima dos insaciados, meu pranto, o pranto de vós todos, irmãos meus, pobres exilados do amor. Em tôdas as lagrimas encontrei resquícios d'alma.

A alma dilue-se e foge — em cada globulosinho d'agua espiritual ha uma particula d'alma; só não a encontrei na lagrima flamminea: é lava, é chamma, é o incendio da carne rebentando pelas crateras dos olhos. Foi a primeira lagrima de Eva. Jesus, pensando em Magdalena, verteu, mordendo os pulsos, a lagrima de fogo.

Ecce homo! — disse Jehovah quando a viu nos olhos de seu filho.»

Olharam-se todos. Vivo rubor subiu aos rostos macerados dos monges castos. Indignados iam amaldiçoar o morto, quando o velho abbade, dobrando os joelhos, inclinando a cabeça, estendeu as mãos pallidas sobre o cadaver frio e abençoou-o. Depois ergueu-se e, voltando-se para os que o cercavam, disse, em longo surpiro, limpando os olhos murchos com a manga do burel:

— É um martyr. Orai por elle!

E sobre o corpo de Clodio cahiram os versos fúnebres do Requiem.

O RAIO DE SOL

Puro de corpo e de alma, feito homem no religioso arvoredo de sycomoros, Çvamithra, o brahmi-ne, desde os seus dias mais novos, dedicou-se a um raio de sol que, na hora meridiana, no mais forte luzir da claridade, ficava algum tempo sobre o toro de cedro que havia á porta da cabana onde, á tarde, o moço cenobita dizia a sua oração á divina trindade, de joelhos, os braços abertos em cruz, durante longas horas, em extase.

Çvamithra tinha o seu pequeno raio de sol em grande amor.

Ao bruxoleio d'alva corria os silvados em busca de flores — trazia braçadas e braçadas e punha-as sobre o tronco para que o raio as sugasse quando viesse visitá-lo. Aroma, ere o manjar da luz. E

mal a fita luminosa cahia sobro o toro, Çvamithra punha-se a tripudiar, aos pulos selvagens, com regougos, pedindo novas do céu e de Brahma e mais das virgens que passam as noites abrindo os lotus azues de viço secular.

Se Çvamithra sentava-se, o raio de sol saltava-lhe para o collo manso e meigo, como as serpentes que os sakeys magnetizam com o poder da vista.

Certa manhan, de volta das silvas, carregado de flores, Çvamithra, o brahmine, vinha a cantar a rythmica sagrada dos amores de Ganga. A lenda sahia-lhe tão doce e tão commovida dos labios fervorosos, que as grandes aguias bravias baixavam lentas do cimo das pedras e seguiam-n'o, com as azas de rasto, aos pulos, magnetizadas.

Çvamithra, cheio de reverencia, erguia, de quando em quando, os olhos claros para o céu, calculando a marcha do sol, ansioso pela chegada do seu raio amigo.

E, cantando abemoladamente, chegou ao seu retiro silvestre.

Ergueu o olhar santo e, vibrando em estremecimento, boquiaberto, attonito, deixou cair os ramos colhidos aos pés de uma rapariga formosa que soluçava, sentada no tronco de cedro, inteiramente núa.

Çvamithra, a tremer, aproximou-se d'ella e, como falasse mal, porque as vozes unicas que ou-

via eram as das aves e as das feras, raramente a de homem, tomou-lhe a mão, beijou-a; chegou-lhe a cabeça ao peito e beijou-lhe a massa negra dos cabellos, em signal de paz.

A moça indiana contou-lhe a sua historia: «Fugira a um tartaro que a raptara em Iran enquanto colhia anemonas, longe das companheiras. Acampando á beira de uma collina, molhada frescamente por um rio fino, a caravana barbara entregou-se á festa selvagem de um combate simulado. Á hora alta da noite, como o canção tivesse prostrado todos os guerreiros e não houvesse em todo o acampamento homem em estado de persegui-la, soprou a lampada da tenda e, envolvendo-se em um albornoz, saltou para a anca de ardego ginete e partiu. Partiu sem destino, atravez do deserto, á luz das estrellas. Ao nascer da aurora o animal, exausto, abateu na floresta. Foi então que, ao vêr-se só, internou-se e descobriu, com alegria, entre os ramaes dos sycomoros, a cabana hospitaleira do brahmine.

Çvamithra, depois de examiná-la attentamente, porque jámais seus olhos se haviam deliciado na contemplação de um corpo feminino, pediu-lhe que deixasse o tronco, porque era a hora da vinda do seu raio de sol.

Meio-dia. Aves recolhendo-se. Calma abafadiça. O banquete floral servido profusamente. E o raio de sol sem apparecer.

Çvamithra desconfiava. Que teria acontecido ao seu manso e meigo amigo? Teria sido devorado por alguma estrella! ou quem sabe se alguma das virgens, querendo-se fazer garrida, enfeitara com elle os seus cabellos negros?

Noite! E o raio de sol não apparecera...!

No dia seguinte a mesma falta. Meio-dia. Aves recolhendo-se, calma abafadiça; o banquete floral servido profusamente. E o raio de sol sem apparecer. Çvamithra entristecia pela sorte do seu meigo amigo.

Noite. Nem uma estrela no céu. Junto á cabana ardia uma fogueira. Os grandes tigres reaes rugiam prolongadamente. A moça, de terror, estremeia e suspirava. Çvamithra ergueu-se e soltou um grito de triumpho, descobrindo o seu pequenino raio de sol meigo nas pupillas escuras da indiana.

Tomou-a nos braços, beijou-lhe os olhos, beijou-os repetidas vezes e a beijar, a beijar ficou até o luzir d'alva, até a hora sonora e alegre do despertar do passarêdo.

Debalde o raio de sol vinha pousar sobre o toro do cedro, á porta da cabana não havia mais flores para elle, porque ninguem mais as colhia. Debalde o raio de sol clamava por Çvamithra, Çvamithra tinha dois mais brilhantes, muito mais bellos, nos olhos de Andaira, que este era o nome doce da indiana.

Mas um dia, estando os dois á porta da cabana, desfolhando um corymbo de flores, foram surpreendidos pela chegada do sannyesin Haçavaîra, o sabedor de todos os mysterios.

Çvamithra, o innocente, poz-se logo de pé e foi assim que falou, apresentando Andaira ao santo solitario:

«Vinha outr'ora um raio de sol pousar junto da minha cabana. Dediquei-lhe todo o meu fervor, pai. Era o unico amigo que me visitava. Brahma, commiserado, quiz recompensar a perseverança do meu amor, e, um dia, voltando eu das moitas com flores para o meu amigo, encontrei-o transformado nesta companheira. Dei-lhe a mesma amizade e aceitei-a no meu coração.»

O velho sannyesin, casto e puro, franziu o sobr'olho e, impondo a mão á frente de Çvamithra, disse:

«A solidão mantém o espirito e garante a vida superior. A solidão é a pureza, a solidão é a innocencia.» E, estendendo um gesto para o lado do Andaira núa, acrescentou com desprezo:

«Isto é o peccado. E a morte do espirito. Escolhe — a castidade da solidão ou...?»

Çvamithra recolheu-se em meditação, cheio de terror sagrado e ia ajoelhar-se para implorar o perdão do solitario, quando viu dentro dos olhos negros da companheira luzirem dois raios atravez das lagrimas. Ergueu soberbamente a frente, e, abraçando Andaira, disse resolutu e firme:

— Escolho o peccado, pai!

O sannyesin mordeu os lábios e, num movimento brusco, cheio de poder, expulsou-os do bosque.

E os dois, abraçados, tomaram o caminho verde da selva e desapareceram no bosque de cedros, onde cantavam cigarras e bengalis.

HOLOCAUSTO

No cimo da collina, sobre a alfombra aromal da relva, deitado, como a dormir, o lavrador repousa na serenidade da morte.

O corpo do activo evocador de flores e searas ali jaz, immovel, em oblação ao sol. Vela, em torno, sem lagrimas, a familia: mulher e filho. E o cão, companheiro do finado na sementeira, na ceifa e nas caçadas, brenha a dentro, estendido, com a cabeça enorme entre as patas, uiva de quando em quando surdamente, fitando os olhos tristes no céu claro.

E Ormuzd envolve o corpo em raios, prende-o na sua teia de ouro, como a aranha á mosca, consume-o, absorve-o em si transformando-o em luz, como a chamma converte em claridade o oleo puro dos alampadarios.

Crepusculo. Chiam cigarras no tope das palmeiras; as arvores esmaltam-se de plumas. Regorgeia por entre as folhas a passarada a recolher-se.

Uma aguia real remonta d'azas estendidas, oscilla: ora ascende, ora baixa; ás vezes queda immovel e, de novo, investe ao espaço e perde-se na altura luminosa

Onagros, em galopes tumultuosos, rebusnam o passam atropelando-se, precipitam-se em fuga desapoderada presentindo os tigres que sahem traiçoeiramente das cavernas e dos juncaes para a caçada nocturna.

E os domesticos: os bois e os cavallos, á porta da cabana, mugem e relinham chamando pelo homem, no abandono da noite que desce trazendo do deserto os carnivoros famintos.

O céu, como enorme aduar longinquo, levanta as suas tendas luminosas. O pavilhão da lua, em hemicyelo, domina o arraial acceso.

Começa a festa floral.

Anemonas e lirios, mandragoras e acacias, tulipas e rainunculos revesam beijos na treva, banquetêam-se de aromas — poesia lubrica das flores, idyllo estonteante e mysterioso das corollas.

Ella, a mulher viuva, adormece para acompanhar o espirito do morto.

Leva-o ao paiz dos genios: sobe com elle ao

pincaro de Albordj e atravessa, cantando, a estreita ponte Tchinevad.

O grande cão, pastor de estrelas, rosna, firme nas patas. Fareja-os, afasta-se e elles passam juntos, os dois espiritos amados.

Mas, na extrema do caminho, na fronteira da aurora, apparece-lhes a Virgem luminosa de azas de ouro. É bella, é forte «como um corpo do quinze annos», alada e pura «como o que ha de mais puro sobre a terra».

A mulher abandona o esposo, deixa-o com a sua propria alma, a feitura do seu braço e do seu amor, e desce, de longe, do paraíso, ella só, sómente o seu espirito, chegando á terra com o orvalho da manhan.

Acorda, deslumbrada, na collina, junto ao corpo do esposo, madreperolado de rócio, hirto e gelado. Curva-se então sobre o morto e beija-o na boca. Não exhala mal: cheiro á murta e á flôr de limoeiro; cobre-o um sudario alvissimo de petalas.

É dia. A vida recomeça em toda a parte.

Ella, pelo torpor dos membros, lembra-se da noite passada ali, ao ar livre, sem os beijos do seu amado, sem o calor da fogueira que elle accendia ao canto da casa para afugentar os espiritos errantes. O gado passou a noite nos outeiros, tresmalhado, sob a protecção dos ramos.

O filho traz o mel e o leite em uma folha de lotus; pecegos e figos e um pequeno cantaro d'agua limpida.

Pleno dia. O sol rutila no azul.

As borboletas e as abelhas zumbidoras giram no ar em turbilhões faiscantes. Enxames espiralam e apparecem outros enxames. Não ha passaro pousado — cruzam-se em ricochete, roçam pela verdura, sobem, colleiam e desapparecem e, das fendas das pedras, bebendo a luz, camaleões papudos sacodem-se de gozo veiendo com os seus dorsos a lutulenta hispidez das rochas negras.

Mais um dia de guarda—o derradeiro. Á tarde, a mulher desce; desce com ella o filho, o cão por ultimo e entram na cabana abandonada.

A desolada exclama, alçando os braços para o sol que morre:

—Ormuzd! Ormuzd! Quem ha de preparar o fogo da meia noite?

—Eu, diz o filho.

—Quem ha de levar ao campo os bois e os cavallos? Quem ha de cavar a terra e semeá-la?

—Eu, diz o filho.

—Quem ha de beber commigo o espírito de Hôma, a arvore dos pomos de oiro? Quem ha de semear o meu leito arido e secco como a terra onde passou a cabra do pastor ou o camello do nomade?

O filho não murmura.

Desalentada o exausta, a mulher estira-se no seu leito de palmas semeado de flores e adormece. Sonha que um lavrador, forte como o seu esposo finado, atea no fundo da cabana a fogueira da noite e deita-se a seu lado perfumando a sua boca com o cheiro das frutas que comêra no campo. E abre os braços em sonho, procura beijos, tartamudeia, aspirando forte, contorcendo-se, toda entregue ao fantasma ideal do seu amor. E de manhan, na collina, diante do sol luminoso, murmura:

«O meu amor foi tão grande que levantou em minh'alma uma collina verde, semeada de rosas e tulipas.

Meu luto foi maior que o meu amor: a collina ruiu, as rosas e as tulipas desfolharam-se.

Hoje toda eu vivo enterrada nas ruinas do meu amor e a minha voz é fraca como um gemido de pomba.

Ormuzd! Ormuzd! porque me não deixaste morrer com elle, como a flôr morre com o perfume?

Por que seccaste o mar deixando a vida ao rio? Eu corria para elle e elle abria-me os seus braços.

Por que não me seccaste a corrente para que eu não me precipitasse no vácuo?»

ORIGEM DAS CAMELIAS

Um fakir centenário, que vivia a rezar, contemplativo e só, nas mattas do Lahor, na vespera da ascensão do seu espirito martyr, contou a outro fakir o romance sentimental de Açaîykira:

Na hora extrema de um dia — o sol dava as costas ao mundo projectando no céu a sombra immensa do seu vulto — a noite, estando minh'alma mergulhada na meditação despertou, de repente, com o barulho humano de um soluço.

As coisas não têm voz para o sofrimento e esse estridor plangente só podia sahir de um coração. Desci os olhos do céu, corri-os pelo meu cenobio e vi, como uma arvore vestida pelas parasitas, Açaîykira, enrolada nos longos cabellos,

triste, desfeita, apertando ao seio, com fervor de agonia, o cadaver do filho, roxo-negro como se a noite da morte o tivesse escurecido. A misera, para não esquecer, talvez, o roteiro do sepulcro amado, marcára toda a travessia silvestre com as suas lagrimas.

De vê-la, tão dolorida e tão solitaria no seu desesperado choro, meus olhos estereis, seccos como o fruto que um sol forte alliviou do succo, resuscitaram e a piedade quebrou as represas do pranto. E esse colyrio foi balsamo benefico! E essa agua lustral lavou muitas penas da minh'alma só-sinha.

Junto de antigo cedro, em baixo, rente á raiz, onde havia uma cova feita pelas bestas feras que erram por estas silvas maninhas, Açaiykira deixou ficar o fardo do seu coração e derramou copiosamente dos olhos, como de dois vasos, toda a sua agonia fundida em lagrimas. E demorou-se ajoelhada tanto tempo! tanto! que, se esteve a rezar, Brahma, nessa tarde rubra, não pode ouvir o resto das orações do mundo. Depois cobriu o pequenino morto com duas folhas largas e partiu inconsolavel, atravez dos cerrados mattos hispidos.

No dia seguinte — as primeiras luzes da madrugada começavam a pôr em alvoroto o céu — Açaiykira appareceu. Passou por mim sem vêr-me

ou talvez me tomasse por um vegetal, porque a hera subia pelo meu corpo como por um tronco e os ninhos procreavam nos meus hombros — e foi direita á cova do pequeno. Contemplou-a calada e extatica.

Os rios finos da magua, passada a tormenta, corriam serenos como a saudade; o seu peito ondulava como o oceano cançado depois de tempestade rija — tôda ella era uma dôr que gemia, parecendo até que a sua carne cruciada porejava lagrimas, tão abatida e tão infeliz estava na attitude dolorosa e tacita da contemplação.

Lentamente afastou as madeixas do peito, poz em nudez os seios fartos, desperdiçados pela morte, agachou-se como para ajoelhar-se, mas todo o seu corpo procurou a terra e, de braços, á beira da cova, apollegando os peitos apoiados, disse, com sentida melancolia, estas palavras tristes:

«Como deve ter fome o pequeno que deixou sua mãe! A terra não alimenta os pequeninos e, para os que ainda não falam, só o entendimento do amor materno. Somno da noite da morte, deixa, ao menos, que elle desperte para alimentar-se! Sou eu! sou eu, sua mãe!»

E, sem mais dizer, poz-se a espremer os peitos apoiados, amamentando a cova que, para a desventurada, era o berço onde dormia o pequenino. E durante muito tempo, todas as noites e todas

as manhans, Açâykira chegava á selva com os peitos tumidos, espremia-os na cova e partia cantando. E o seu canto apaixonado era tão communicativo e impressionava tanto que, algumas aves, por muito tempo, depois, o repetiram, guardando na floresta um echo saudoso d'essa grande saudade.

No tempo em que costumam vir ao galho as flores, quando as velhas arvores poem nos seus mastros verdes as gallas aromaticas e o lotus sagrado desabotôa, como mysterio que se realisa, nasceu, junto do cedro funerario, de um arbusto que crescera, um botão de flôr branco, maravilhosamente branco como o perdão de Brahma ou como a paz dos santos.

Inopinado amor cresceu dentro de mim pelo arbusto espontaneo de sorte que segui, com perseverante cuidado, toda a genese da flôr, acompanhando-lhe o desabrochamento, da primeira á ultima petala.

Quando, de todo, abriu-se, analysei-a. Era uma flôr de leite, que outra coisa não acho com que a compare — era uma flôr de leite, tão pura que nem a volupia do aroma a penetrara, tão sensivel que um raio de sol mais quente roeu-lhe a fimbria de uma petala. Nascia da sepultura.

No começo admitti a idéa da transformação,

acreditando que o cadaver fôra larva d'aquella borboleta, mas apesar da irresistivel muralha dos principios, meu espirito abateu vencido.

Como sahir da podridão uma candura, mesmo da podridão de uma innocencia!/? Jogando com estas idéas contrarias no meu cerebro occorreu-me á lembrança a estranha alimentação posthuma de Açâykira e então descobri com fundamento a origem da mysteriosa flôr sem mácula — era o leite da allucinada, leite do amor; era o sangue materno clarificado para a manutenção do pequenino affecto.

Era o leite que florescia na terra dando, em evidencia sublime, o grande mysterio do delirio meigo, eternisando a loucura de uma alma martyr guardando, para mostrar durante o correr de todas as primaveras, o poema sublime da allucinação do amor, forte e imperecivel no coração das mãis.

As camelias!... As immaculadas camelias...!
Pobre Açâykira!

RUMINANTE

Dos manuscritos de Karma, poeta do amor.

No fundo da selva ascetica fluem docemente as aguas brancas do Kama, o rio do amor. Vão de manso levando as folhas que cahem das arvores ribeirinhas, como o tempo, que é um grande rio de aguas que desaparecem no abysmo final, carrega para o Jámais as nossas desillusões: folhas seccas que cahem da arvore da Esperança.

Junto ao rio, sobre uma rocha abrupta, ergue-se uma cabana: é a ermida do cenobita. Aves tristonhas povoam-n'a e sobre o tecto agudo, de palha, derrêa-so a frondosa e florida ramagem de uma grande arvore de mil annos, que em tempos acolheu propiciamente o Mestre penseroso: Buddha, quando elle desceu a aba da montanha santa para prégar a doutrina aprendida no extase, cheia de mysterio, cheia de cordura.

Disseminados comoros de areia marcam tumulos de solitarios e por todos elles a agua limpida deriva em lagrima perenne, e por todos elles os bengalis desferem: ao sol, arias vivas de alacridade intensa e dulcissimos threnos ao luar.

As arêas, que os ventos revolvem, estendem-se intactas. De longe em longe o signal de uma pata de gazella, mas pegadas humanas ninguem descobriria em todo o vastissimo e torrido areal.

Á noite, sob o esplendor diaphano do luar, as apсарas descem dos espaços com amphoras de orvalho, com amphoras de essencias, e, abrindo as finas petalas dos lirios e descerrando as corollas tenues das rosas ou molham de rócio fresco ou aromam. Outras esparzem sonhos e enquanto os djinns e os trasgos, ladrando como chacaes pelos desertos, apavoram as caravanas, ellas desfazem o terror estendendo nos páramos os raios de luar, porque a lua é uma estriga de linho alvissimo que as apсарas têm na roca cerulea do céu e d'onde tiram o tecido transparente — mais fino que os véus das noivas — que é o sendal translucido da noite.

Apsaras e djinns são os unicos seres que erram por essas paragens taciturnas e merencoreas, apсарas e djinns o os animaes sagrados do eremiterio.

Ansias de amor levaram-me perdido por esses caminhos ermos e meus passos morriam, o rastro fundo das abarcas desaparecia, por que o vento rolava arêas sobre arêas apagando o roteiro para que jámais sahissem do fundo tacito e triste da selva ascetica os que uma vez penetrassem o seu segredo.

Mas como meus olhos não se voltavam, cravados, como estavam, na fronde da arvore millenar, a cuja sombra meditava o cenobita da selva, não me causou pavor a traição do vento. Morressem, embora, os meus passos, para voltar a vê-la eu tinha a bussola do coração. Morressem os passos, o vento que apagasse o rastro do meu caminho, eu só me perderia se o vendaval passasse por minh'alma roubando-lhe a imagem santa.

Fui por diante ouvindo os guinchos dos cynocephalos, que gatinhavam espavoridos, sentindo-me caminhar, e por fim — baixava o sol nesse instante — dei com os olhos no solitario. Corria um sussurro pelas arvores. Passaros aninhavam-se, outros cantavam doces reclamos e de todos os pontos chegavam bandos alvos de pombas, arrumando. E elle, debruçado sobre a agua, como um corvo marinho, olhava, a fito, extasiado.

Os cabellos da cabeça desciam-lhe em filandras pelo corpo vestindo-o todo, a barba, espessa e longa,

de rastro, estava toda emmaranhada de silvas. Uma garça airosa espannejava-se aos pés do asceta e sobre a cabeça hirsuta e encanecida bengalis piavam tranquillamente.

Aproximei-me; elle, porém, mantendo a attitude serena, não desviou os olhos d'agua que fugia. Debalde o chamei tres vezes procurando arrancá-lo ao extase — não se voltou, nem se moveu, sequer.

Toquei-lhe de leve a espadua. Levantou a cabeça e seus olhos fitaram-me assombrados.

Cahi de joelhos e pedi-lhe que relevasse a minha audaciosa temeridade e elle, paternal e meigo, acenou para que me levantasse, indagando, com um fio de voz quasi imperceptível, que duvida me levara ao seu eremiterio.

—O amor, veneravel Padre. Receio que a minha amada, que vive longe, esqueça-me e queria que me ensinasseis o meio de tornar eterno o amor naquelle coração voluvel.

—Eterno, o amor! suspirou o centenario e meneou tristemente a cabeça alvadia. Já vistes, por acaso, um coração, meu filho?

—Ainda não, Padre.

—Vêde pois. E tirou debaixo das longas barbas um coração que palpitava. É uma urna, vêde e partiu em duas partes. Tem cem annos, talvez. Vêde, está cheio completamente, mas é como um

cemiterio. Aqui existiu o amor. Ê hoje um ponto morto. Aqui existiu a illusão, aqui existiu o ideal e ia mostrando com o indicador os pontos. São tres tumulos. Mas resta ainda alguma coisa. Ah! se assim não fosse, que seria do misero animal...! Resta alguma coisa ainda.

Vêde, vêde bem. Ê a colheita de longos annos pelos olhos amorosos, quantos beijos e quantas palavras meigas — e pelas illusões, quantos sonhos felizes! Emquanto moço, colhi para o inverno triste da velhice e vêde: Meu coração, tem vida, pulsa como, talvez, não pulse o vosso. Amou, mas o amor desapareceu, o madrigal extinguiu-se. Teve sonhos, mas a realidade foi triste. Entretanto, vêde como se alimenta, como se farta e como vive ainda.

Permitti que vos diga na phrase dura de um solitario: o coração é um ruminante. Emquanto é dia recolhe e á noite, que é o tempo da velhice, ruma como os grandes bois do campo, á luz dos astros. Não acrediteis no amor! O amor passa como as aguas de um rio; eterna é a saudade que o alimenta ainda e ha de alimentá-lo sempre, porque os dias que passam deixam sempre uma recordação, e é isso que constitue o alimento do inverno. A saudade é perenne. Amai, colhei, enchei bem o vosso coração para que, á hora das tristes neves, não pereça inanido.

A saudade, sim: essa é que é eterna no coração, meu filho.»

Disse e escondeu, de novo, o coração saudoso.

OS REBANHOS ETHEREOS

Foi visitando uma serra, altissima serra emmanhada e sombria, a mais alta, a mais viçosa de quantas existem no meu paiz, que encontrei, pela primeira vez, a decantada e meiga religião da velhice.

É um culto feito de veneração e de amizade, não só pelos alquebrados anciãos, mas por toda a velhice. Respeita-se o mendigo de cabellos brancos e respeita-se a arvore centenaria, por ambos passaram os seculos; em uma as neves não se demoraram, refloreceu á nova primavera, outros, porém, ficaram como geleiras e andam no mundo, vindos de outro seculo, como estrangeiros, timidos, procurando na terra o lugar de repouso.

As arvores resistem mais á acção dos annos; é que nellas trabalha o tempo apenas. Ventos roubam-lhes folhas, enxurros d'agua desnudam-lhes

as raízes, as arvores, porém, vivem sem coração, vivem sem alma. Tivessem alma e coração as arvores e tanto não resistiriam.

Ter amor...! Ter saudade...! Os vendavaes que vos despem, arvores antigas, não valem os que nos vergam; quem vos substitue as folhas chama-se Primavera, e a nós quem nos substitue as folhas chama-se Desengano. Morreis com a vossa verdura, porque a vossa velhice é uma batega de outono, as folhas renascem logo e em nós também renascem folhas verdes: morre uma illusão, aponta uma esperança, mas as esperanças são como as estrellas: brilham, mas não trazem luz; lindas, mas ninguem as alcança.

Velhas arvores... bem felizes sois!»

Taes palavras ouvi a um dos veneraveis pastores da serra. Esse, o mais velho, talvez, dos que ali vivem, é o que mais sabe e o que diz toda a gente cumpre e observa. Ouvi-lo é o mesmo que lêr um livro antigo. Fala vagarosamente como se lhe custe trazer do fundo da memoria antigas recordações de antigos casos. Mas, ainda assim, pela sciencia que possui do mundo, é grato ouvi-lo e quanto se aprende nas suas palavras lentas e cheias de sabedoria!

A mim contou-me, entre mil coisas varias, coisas proprias de gente montanhesa a lenda dos rebanhos ethereos.

Futil parecerá, talvez, aos espiritos de hoje, educados austeramente pelos methodos. Quem demorará o roteiro para ouvir, no calado campo, soar gemente e suave a doce avena de um pastor? ninguem, de certo, até farão mais rapidos os passos para que nem os echos lhe cheguem amortecidos. Namorados, que tendes a alma predisposta á meiguice, se vos surgisse em meio do caminho um velho como Philetas que vos quizesse falar de amor...? fugirieis a rir, como os pastores fugiam quando lhes apparecia, coroado de pampanos virentes, Sileno, cambaleando, encostado ao jumento.

Sim, a phase do idylio passou — foi-se com os deuses. Felizmente, porém, ha sempre no mundo um bando de retardatarios. Eu pertenço a esse bando e vós, que d'elle fazeis parte, ouvi-me que, em poucas palavras, vos direi o que ouvi do ancião.

Para ser mais breve, evitando, quanto possivel, phrases vans, sabei que o céu é um campo e os pastores nesse campo: o Inverno e o Estio.

«Ao tempo em que sahiam pelo aprisco do oriente as ovelhas douradas nossos maiores chamavam — Estio. O céu, preparado por uma zagala, a Primavera, resplandece, irradia. Ella, amorosa e meiga, mas sempre fugitiva, sahe a recolher as

derradeiras neves para que o seu amado pastor caminhe sem regelo e sem muralhas frias do avalanches. O céu está cheio de ovelhinhas de ouro. Vêde, carda-as um pastor, o mesmo Estio e a lan doirada vem cahindo. Toda a campina está cheia; montes, valles, rios e cavernas, folhas e flores, em tudo, em toda parte ha flocos.

Vêde, mesmo na pupilla azul de vossa amada, dentro do vosso proprio coração, em toda a parte. Nas mesmas noites de verão parece que ficam no céu flocos esquecidos. Mas lentamente, paulatinamente o rebanho do Estio vai sumindo e alguém surge no céu.

Quem é que põe um véu de neblina á madrugada? Quem é que torna as noites tenebrosas? Andam ventos gemendo e as folhas gemem, gemem e começam a desfallecer nos galhos. Por que é que as ovelhinhas louras andam tão arredias?

Nos campos começa a faina — recolhem-se os frutos, colhem-se as derradeiras flores. Porque andais tão depressa pelas ceifas, porque tamanha azafama, ceifeiros? Não apparecem mais as ovelhinhas louras e já não cantam calhandras nem cigarras. O céu torna-se branco e os dias tristes. Que é feito de ti, pastor Estio? Gemem ventos nivosos. E a porta do occidente, merencoreo redil de ovelhas brancas, abre-se de par em par.

Enche-se o céu de ovelhas brancas, vêde: car-

da-as um pastor, o Inverno, carda-as e a lan diaphana vem cahindo. Toda a campina está cheia; montes, valles, rios e cavernas, em toda a parte ha focos. Vêde, mesmo na pupilla azul de vossa amada, dentro do vosso proprio coração ha um floco: a melancolia. Durante a noite, ficam no céu focos esquecidos e tudo parece morto, abafado.

Não ha flôr nem passaro. O vento canta a elegia — e a sua voz ó a unica que se ouve. Mas lentamente, paulatinamente, a zagala florida vem surgindo. Ouve-se cantar o rouxinol e vão sumindo as ovelhas merencoreas. Surge uma loura, e uma flôr desabrocha; outra, e uma estrella scintilla e, pouco a pouco, vêm apparecendo todas as ovelhas louras do rebanho estival. E reaceendem-se os dias luminosos.

Mas — e direis com justa curiosidade — como apparecem dias como o de hoje, de sol, em pleno inverno? Sois muito novo ainda e nunca fostes pastor. Se alguma vez tivesseis visto o tresmalhar de um rebanho não vos causaria espanto vêr dias de sol em pleno inverno.

Que dirieis se estas ovelhas que pastam fôsem juntar-se áquellas que além bebem? dirieis que tresmalharam. É justamente o que acontece, ás vezes, com as ovelhas do Inverno e com as do Estio: encontram-se no céu e os dois pastores lutam, fica o dono do campo — se é dono o Inverno, fi-

cam os dias tristes; voltam os dias de luz se é dono o Estio.

Vêde como escurece. As ovelhas douradas vão fugindo. Fechai vosso gabão e recolhei-vos que vão cair os flocos da invernía. Vinde, vinde que é tempo. Ahi vêm os rebanhos e os pastores. Começa a neve a cair. O Inverno volta a cardar as suas ovelhas tristes...»

Como vêm, nada mais simples. Não vos agrada, espiritos do seculo, mas não escrevi para vós e sim para os que acham encanto na poesia.

O ESPELHO

Ruge no alto da torre o oliphante da sentinella e, como se outras houvesse, occultas no espesso arvoredado dos valles e dos pendores, o som repete-se esmorecendo na distancia.

O sol brilha a pino, refulgindo no ouro dos tri-gaes maduros, scintillando em pepitas tremulas nas vivas aguas alegres, que saltam e espumejam sobre as alpondras do rio.

Trabalha o villão nos campos, uns á ceifa, outros carregando. Vão pelas trilhas lentamente, como se por si mesmas se levassem, médas enormes e só quando chegam ás eiras é que se lhes vêm os conductores, robustos camponios que, arriando a colheita, passam de raspão na frente a manga do casaco, enxugando o suor. E riem felizes, porque o outono é prospero.

Do colmo dos casaes esfia, em espiras leves, o fumo azul dos fogões e os enormes molossos, que acompanham os senhores nas surtidas de guerra, ladram furiosamente correndo ao longo das cercas, investindo ás sombras dos corvos que rastejam na herva.

Além, beirado de álamos e scintillando ao sol, o rio deslisa meandroso. E a planicie alastra em lavoura e pastura até a raiz do monte, um teso encristado de pinheirae, culminando no castello forte, de altas muralhas ameiadas e tão á beira do abysmo que a sombra se lhe projecta pelas rochas núas amontoadas em desordem pelos flancos do monte, ora em penhascaes sobrepostos, ora em cavernas esfuracadas como enormes ulceras.

É o solar chamado *O ninho da Aguia*, celebrado e temido em toda a Touraine pela rizeza impenetravel dos seus muros e pela feria brava e inclemente dos seus guerreiros. Quantos assedios começados com alardo arrogante de tropas atrevidas e poderosas machinas, prolongando-se por aturados mezes de tentativas vans, haviam findado em desbarato ao impeto de improvisa arrancada dos sitiados!

E, vencida a batalha, com os foragidos acuados nos lameiros atoladiços, só cessava a matança quando não restava um só vivo da hoste que ousara acampar nas terras daquelle que não conhe-

cia a misericórdia. Então soavam os oliphantes e, com as lanças altas e os pendões desfraldados, Tancredo, cognominado o *Aguia*, recolhia ao castello.

O lidador formidavel, cuja fama corria os longos da terra em cantares heroicos de jograes, era homem de grandes forças e genio aspero.

Taciturno, era raro sahir em cavalgada senhorial correndo as terras do seu dominio e no castello, os proprios officiaes da sua nobreza e privança, só o viam em conselho e sempre severo e armado.

A barba começava a tingir-se-lhe de fios alvos, os olhos duros, de ave de rapina, como que se lhe iam escondendo no espesso bosque das sobranceiras e a sua voz grave, cava, soava lenta e cavernosa no mando, e sempre irrevogavel.

Ninguem jámais o vira sorrir e, á noite, quando todas as luzes apagavam-se e a massa brutal da torre desaparecia na treva, um talho de claridade cortava a escuridão — era a setteira aberta no aposento em que velava, debruçado sobre *in folios*, o invencivel e inexoravel castellão.

Só lhe conheciam uma fraqueza: o amor da filha, lembrança mimosa que lhe ficara de uma ventura que a Morte não consentira durasse mais do um anno, porque a levava em troca da pequenina vida que elle trazia desvelada, tanto ou mais

que a Honra, entre as paredes de pedra daquelle solar de guerra.

Cabisbaixo, de mãos ás costas, Tancredo mede a lentos e largos passos o terraplano encandecido ao sol do meio dia.

A luz intensa afogueia os campos louros, rebri-lha nas folhas lustrosas, faisca em escamas de ouro nagua e vibra tremulamonte no ar em nevoa fulgida como a transpiração das coisas. Corvos voam alto, em circulos. Ouve-se, no silencio cáldo, o aspero, longinquo rangido de um carro boieiro.

Tancredo scisma — crispa-se-lhe a face e, nervousamente, a sua larga mão direita torce, retorce a barba que se lhe espalha no peito. Pára um momento, pensativo.

Subito, apruma-se, levanta orgulhosamente a cabeça. Os olhos accendem-se-lhe, brilham numa visão de guerra. Recorda-se do ultimo cerco que soffreu e da investida em que sahi desmantelando o acompanhamento inimigo e a batalha tão bem ferida, o destroço da gente affrontosa; depois combates nos campos, perseguições nos bosques: aqui um duello, além um bando que se entregava de joelhos, mãos postas, pedindo a vida e logo as lanças entrando a fundo nos peitos descobertos, as espadas tinindo nas couraças, as achas d'armas abo-

pando elmos e capacetes e a grita. E uns que se atiravam nos tremedaes, outros que se despenhavam em abysmos, e o glorioso tumulto da sua gente em vozeirada bravia.

Mas uma doce voz reclama-o, tira-o das recordações ferozes. Volta-se de golpe o dá de rosto com a filha que viera com o mesmo silencio com que a luz avançava.

Toda de alvo, com duas trancas louras irradiando da coifa a pino, a donzella sorri encarada no guerreiro, cuja physionomia se abrandara instantaneamente como reflectindo a meiguice do olhar azul que o envolve. Adianta-se e, estendendo os braços, toma entre as mãos callejadas pelo guante a cabeça graciosa da pucella, beija-a na frente e, acolhendo-a carinhosamente ao peito, interroga-a:

— A que vens, Ariella? Se tinhas algo a pedir-me porque me não mandaste o teu desejo por um pagem ou servo evitando, assim, expôr-te ao sol que murcha as folhas das arvores e cala os passarinhos?

— Quiz eu mesmo falar-vos e assim o meu desejo irá na minha propria voz ao vosso coração, emquanto meus olhos contemplarem o vosso rosto. Sei que o dia de hoje, apesar de todo o esplendor do sol que o illumina, enche-vos de treva a alma. Mas se a morte o fez doloroso houve nelle tambem

a alegria de um nascimento. Lembrais-vos do enterro e esqueceis o berço que aqui ficou.

—Sim, sim. Nascestes da sua morte, disse o castellão. Fala. Que desejas como brinde no teu anniversario? Queres que dê liberdade aos que gemem nos ergastulos? Queres que distribua trigo aos pobres, que mande ao presbytero uma bolsa de esmolas, que me enfraqueça em perdões a vis e em caridade com inuteis? Dize, e, como disseres, assim farei para teu agrado e para que Deus te conserve, com a vida, a graça e a formosura.

—Senhor, peço mais do que obras de misericordia: exijo o cumprimento da vossa propria palavra, que é Honra que trazeis sempre levantada.

— Fala! disse o guerreiro.

—Era eu pequenina quando, certa vez, pedi que me consentisses mirar-me em um espelho para vêr o meu rosto, o sorriso que nelle se abre, a côr dos meus olhos com a luz que os illumina. Recusastes á criança o que vos parecia improprio da sua idade promettendo, porém, consenti-lo logo que ella chegasse aos dezesete annos. Aqui me tendes exigindo o cumprimento da promessa e, se ainda insistirdes na recusa, ficarei certa de que sou de rosto horrendo como as bruxas que voejam á noite em volta dos torrões do solar.

—O espelho... murmurou o guerreiro. E a donzella respondeu-lhe com um sorriso.

Tancredo caminhou penserosamente até as ameias e, repuxando a barba longa, ficou-se a olhar o horizonte luminoso, como a pedir conselho aos céus claros. Subito, voltando-se, disse resolutamente:

—Cumpra-se o que prometti. E é natural e justo o que pedes, para que não sejas tu a unica a desconhecer o que para todos é um encanto. E fizeste bem em procurar-me aqui fóra, porque temos diante de nós o unico espelho fiel, que é o sol. Nelle convem que primeiro te vejas, porque só assim conhecerás o direito da tua imagem antes de a vêres pelo avesso na lamina polida. Olha a claridade. Que vêes nella, diante de ti, em negror?

—A minha sombra.

—A tua verdadeira imagem. Sombra, eis o que todos somos. Não te illudas com a lisonja. A lamina polida mente como a palavra do adulador. O espelho fiel é a luz. Quero que te contemples demoradamente ao sol para que te conheças bem. Tudo que vêes em volta de ti reduz-se a sombra. Só a luz existe e empresta vida e belleza ao que illumina, fazendo, porém, sahir a verdade dos corpos, como quem espreme uma esponja escoando o liquido que a encharca. Ahi tens a tua imagem ao

sol. Que é ella? um pouco de escuridão tisanando a claridade. Juventude e velhice, frealdade e belleza, alegrias e pezares, miseria e fortuna, gloria e ignominia, força e impotencia, covardia e temeridade tudo se resolve em sombra. Ahi tens, diante dos olhos, duas: uma, partida do teu corpo juvenil e formoso, outra projectada pelo meu corpo envelhecido. Descobre nellas a differença — são iguaes, invariaveis porque são eternas. Deus, para que não nos esquecessemos da nossa origem, deu-nos, por companhia, a sombra de que sahimos. Eis o que és em verdade. Agora vai á illusão, á mentira ephemera; vai á lamina de prata na qual se reflecte a vaidade. Não te fies, porém, na imagem que sorri, mas na sombra, impassivel como a Eternidade.

Ariella, que ouvira sem intervir com um gesto, sequer, nas palavras do lidador, levantou, por fim, a cabeça e, sorrindo, insistiu no que reclamara:

— O que me mostrais ao sol será a verdade, como affirmais — e essa conheço-a eu desde que vivo, mas o que desejo vêr é justamente o que, até hoje, me tendes occultado. Ha sempre alguma coisa além do que os nossos olhos alcançam. A verdade está perto de nós, a illusão sempre longe. Feliz do que pode attingi-la e gosá-la, ainda que

seja por um instante. E é essa instante que vos peço para dar aos olhos, sempre fitos na tristeza da sombra, que é a morte, um pouco da illusão ephemera da vida.

INFANTE (*)

(*) Primitivamente escripto em francês, appareceu n'A *Vida Moderna* assignado com o pseudonymo CHARLES ROUGET.

Curioso d'aquelle sonho lyrico entrei na vereda que rompia a matta guiando ao palhal onde vivia Lydio, o moço, enlevado no amor da mocidade.

A trilha agreste, tão raras vezes percorrida, forrada de musgo fino, por vezes desaparecia em matto. Nos altos ramos do arvoredos, colgados de cipós dourados e de parasitas floridas, era incessante o voejar de passaros e de insectos. Vozes cochichavam na espessura, vozes alegres, como de crianças que brincassem, combinando traquinices, logo, porém, pelo brilho que attraheu meus olhos, comprehendí que o ruido risonho era de um corrego que defluia por entre pedras vestidas de limo.

Que frescura balsamica! Aqui, ali um nimbo, um disco avaro, um raio de sol cortando em diagonal a sombra.

Eu seguia vagaroso, guiado pelo caminho quando, de repente, achei-me, como por encanto, diante das ruínas de uma cabana. Cabana? Era um cubo enorme de verdura porque as ervas, entrelaçando-se nas ripas, tão densamente se haviam tramado, que as paredes desapareciam e assim também a cobertura, que era toda um verde, folhudo estendal florido, e, afogado nesse quadro vivo, jazia um grande velho, alto, magro, um esqueleto coberto de farrapagem, barba immensa e amarella espalhada pelo peito com o mesmo viço profuso com que os mattos lhe envolviam a residencia.

Olhava extasiadamente, como enamorado de alguma coisa que só existia para os seus olhos.

Aproximei-me. Não deu por mim. Falei-lhe. Vi-o tremer, como assustado. Olhou-me, poz-se de pé, chegou-se a mim encarando-me rosto a rosto e disse-me, em voz mysteriosa:

—Rezo. É a hora em que a alma desperta no coração. A missa da saudade começa ao cahir da tarde, com o côro tristissimo das lembranças. Rezo ao amor que não morre. É a hora do idyllo. A lua não tarda seguida das estrellas brancas. Quando ella apparece no céu a terra toda se cobre de açucenas, é ella que as espalha. São as flores do seu noivado, lá em cima. É a hora dos noivos. Não tarda a minha hora e Beatriz não tarda.

Perguntei, tomando-lhe nas minhas as mãos magras, que gelavam:

—E onde está Beatriz, a tua noiva?

—Onde? Pois não a vêdes? Onde! Mas em toda a parte: aqui, ali, além, na terra, no ar, no céu. Canta. Prestai atenção ao canto apaixonado.

—É um passaro que canta.

—Passaro...! É o espirito, a alma de Beatriz que canta e o que diz só o meu coração entende. Quereis que eu vos repita as palavras do canto alado? «Amo-te muito, Lydio. Amo-te hoje como te amei na hora primeira em que nos vimos, na hora eterna do nosso primeiro encontro, quando os nossos olhos trocaram o primeiro olhar.

Um instante! As silvas tremem, as ramas agitam-se e trescalam. É ella que chega. Silencio! E, baixinho:

—O amor é a alma do coração e a alma é immortal! Silencio! Ei-la que chega! Ei-la ahi.

—Mas o que me mostras são os derradeiros raios do sol.

—Os derradeiros raios do sol! Como vos enganam os olhos! São os cabellos louros de Beatriz.

Fez-se uma longa pausa. O velho, de olhos extasiados, avançava de braços estendidos, labios tremulos, beijando o arôma subtil da noite, abraçan-

do o seu proprio peito com extremoso carinho, a murmurar, de quando em quando, palavras de ternura lyrica. Depois veiu para o meu lado saciado de goso imaginario e, num suspiro profundo, cheio de amarga tristeza, disse como a si mesmo á sua grande saudade:

— Amor!

Sentou-se e encarou-me confiado.

— Que idade tens? perguntei.

— Eu? — e tranquillamente: — Quinze annos.

— Quinze annos com todos esses cabellos brancos!

— Vivo ainda como no tempo dos meus quinze annos. Ella andava por toda a parte — ora nos campos, entre os segadores; ora nos outeiros onde florece a rosa silvestre; ora á beira dos claros ribeiros mansos, sempre longe de mim. E agora? Agora está sempre commigo e eu vejo-a como outr'ora quando ella tinha doze annos e sinto-me ainda o mesmo menino Lydio. Não sei que valem annos quando a gente os passa junto do amor.

A idade!... pouco me importa a idade. O tempo não devasta o coração. Todos me julgam velho e eu sinto bem que tenho os mesmos quinze annos de outr'ora. Vêde, são meus cabellos brancos... Acreditais que um terreno esteril e fraco produza cabellos com este viço? São brancos, dizem todos. Tenho os cabellos brancos. Mas a lua? Quando eu tinha quinze annos a lua era pallida como Beatriz.

Teria a lua envelhecido? Estarão caducas as estrellas? Entretanto a lua tem os raios brancos como os meus cabellos. Ah! o amor! O amor é justamente como a lua. Quem sabe se ella não é o coração da noite?

A lua é sempre nova, mas olhai para os seus raios — são brancos como a neve. A lua e o céu! Beatriz e eu! Velho! Porque? Que tem que se engelhe a casca do fruto se a polpa se conserva pura e sempre fresca? A carne é a roupagem da alma. Eu vivo arrastando andrajos até que os deixe no vestuario do tumulo. A mim parece que, abatendo para a terra, trocarei a minha velha investidura, por uma tunica levissima de plumas e sahirei de novo para o mundo cantando o hymno glorioso do meu perpetuo amor.

O corpo do rouxinol é, de certo, o vehiculo da alma dos que morrem apaixonados, porque o gorgueio é um beijo sonóro. Hei de morrer moço. Hei de morrer Lydio, o infante, porque meu coração é o mesmo ainda.

Envelhecer é passar da mocidade, é perder de vista a esperança, é descrer do sorriso, é esquecer o ideal. Eu não passei por nenhum de taes tormentos — sou o mesmo ainda. Vamos contar as pulsações dos nossos corações — são as mesmas, batem pancadas iguaes.

Mas silencio! Silencio!... Ahi chega Beatriz.

Como ha luar no céu haverá hoje luar dentro do meu coração. Silencio! É a hora do amor! É a hora do amor!

E caíu de braços sobre a relva, hirto, os braços apartados, os labios franzidos num derradeiro beijo desvairado.

RITORNELLO

Velha ermida, tem cem annos. Ha mais de um seculo que é a mesma assim: branca, alvejando ao sol, com a sua torresinha esguia, onde oscilla um sino, não sei se o mesmo que annunciou aos mortos de hoje em dia, crianças nesse tempo, a primeira missa no pequeno altar.

Cercam-na mangueiras frondosas, de cem annos talvez, talvez de mais.

Outras capellas surgem nas aldeias proximas, muito maiores, muito mais formosas, entretanto as pombas e as andorinhas dão preferencia á velha ermida branca e vem gente de muitas leguas d'além batendo as terras áridas dos valles com os bordões das jornadas, ouvir as rezas que o vigario tartamudeia, quasi cego, tremulo de velhice. Quantos annos? ninguem sabe ao certo.

O rio corre ao fundo, por entre mattos floridos;
em cima é bebedouro.

É tão puro, tão limpido, tão alvo, que o sacristão, de
vez em quando, vai nelle buscar a agua com que
enche as pias.

Agua mansa que dessedenta e purifica, agua que
banha e escachôa nos moinhos, agua que leva as
barcas e as nymphéas, essa mesma baptisa, ha cem
annos, na aldeia, desde que alveja entre os alourados
campos a torre onde bimbalha o sino o onde as
pombas rôlas arrulham.

Nessa manhan do junho, fria, velada pela musselina
brumal, sem sol ainda, dois velhinhos descansavam
nos degrãos da ermida. Ella trazia o rosto
embiocado; elle, com a cabecinha branca ao vento,
vestia um casaco de panno grosso e escuro.
Chegaram juntos.

Caminhavam desde meia-noite — tinham os pés
brancos da poeira dos atalhos e as roupas lante-
jouladas de rócio.

Immoveis e calados como estavam pareciam
mais dois santos que tivessem descido dos altares

para ficar de guarda ao templo campesino. Não faziam o mais leve movimento.

As cabeças paradas, os olhos fitos nas montanhas longinquas, esfumadas pela garoa leve e tenue, braços cruzados, o cajado aos pés, não balbuciavam. Estavam ali como dois extases.

Ao fundo murmurava o rio. Azas tatalavam no alto e o azul emergia da neblina alumiado, resplandecente. Vinha sol á terra; já nas roças havia gente a mourejar e das cabanas subia leve, em espiras tenues, o fumo azul.

Claro dia. Um raio de sol baixava em frecha sobre a torre. A frontaria da ermida e as naves fulguravam douradas. Soava docemente no ar sereno o estribilho de uma cantiga, muito vago, mas quem conhecia o tom compunha a estrophe. Era a moda dos «Olhos negros». Começava:

« Deus do céu, Senhor meu Deus!

Que olhos negros tão fataes. . .

E rematava:

A propria Virgem Maria
Não linha uns olhos iguais...»

O velhinho, voltando a cabeça, já encontrou o olhar meigo da velhinha. Sorriram. E a cantiga sempre ao longe, no frescor matinal dos campos.

— Quem será? Indagou a velhinha agitando a cabeça dentro do bioco. Quem cantará?

O velhinho encolheu os hombros sorrindo, acenou balançando a mão tremula na direcção do campo; e suspirou:

—Vai para oitenta annos!

—Oitenta annos! disse a velhinha sem tristeza.

—Lembras-te? Ainda não eramos noivos.

— Ainda não eramos.

—Falamos sómente, uma ou duas palavras no correr do serão. Vestias uma saia de ramagens e trazias uma rosa vermelha no corpete.

Encolheram-se, baixaram as cabeças. Por fim o velho disse:

— Fizeram-me cantar. Improvisei.

Olharam-se e as pupillas quasi extinctas tiveram um relampago de malicia.

—Fingiste não perceber, disse o velhinho, raspando a terra com o cajado.

— Bem que percebi.

Calaram-se e a cantiga, mais proxima:

« A propria Virgem Maria
Não tinha uns olhos iguais.»

—E não tinha, disse o velhinho.

A velhinha, sacudida pelo riso, foi-se levantando tremulamente.

— Onde vais ?

— Quero vêr quem canta. Anda ali pelas terras de traz. A voz é de moço.

— Quero vêr tambem.

O velhinho ergueu-se levando a mão em palla á altura dos olhos.

— É um rapazola. Eu não disse?

— Vai carreando. É carreiro. Quem será?

O velhinho, por sua vez, encolheu os hombros, sempre a olhar, mudo de enternecimento.

«A propria Virgem Maria. . .

disse no estribilho o cantador. E o velhinho, muito baixo, passando a mão pelos hombros da velhinha, attrahiu-a docemente e terminou a quadra

«Não tinha uns olhos iguaes.»

Sentaram-se calados. O tom da cantiga foi morrendo ao longe e o silencio cahiu, apenas interrompido pelos chilros da passarada.

Subitamente a porta da igreja abriu-se do par em par e o vigario, assomando na soleira, não conteve um grito de indignação:

— Eh! corja!

Os velinhos estremeceram, e apartaram-se.

— Então, que é isto!? aos abraços aqui diante de Deus...! Vendo, porém, a figura do velhinho

e o rosto encarquilhado da velhinha, desatou a rir, andando com o olhar de um para outro.

—Pois ainda!... Ora, sim senhores! Olhem que já lá vão velhissimos annos! Até me parece que vocês casaram por ahi, ao ar livre, á sombra das arvores. As pedras da ermida dormiam ainda na rocha de onde vieram. Não se me dava jurar que foi o proprio Deus quem vos casou, porque não havia padres nesse tempo. E desatou a rir.

—Eh, eh, eh! fez o velhinho. Olhe que somos da mesma idade, reverendo. Bem bons annos, bem bons annos...! O Sr. vigario era um rapaz e foi o primeiro casamento que fez.

E o vigario, dando a mão a beijar, sempre a rir:

—Póde ser, disse; já me não lembra. E, batendo de leve no hombro do velho:

—Mas então que foi isso hoje...? A manhan, o bom sol ou as travessuras dos passaros, porque andam delirantes, os patifes...? Que foi isso...? E, para a velhinha: Hein, velhota, que foi?

—Foi uma cantiga do bom tempo, senhor vigario, disse o velhinho estalando os dedos. Uma cantiga do bom tempo.

—Uma cantiga que elle fez aos meus olhos, quando noivo; disse a velhinha baixando a cabeça e torcendo as franjas do chaile; e cantou baixinho:

« Deus do céu, Senhor meu Deus...

E o velhinho risonho:

«Que olhos negros tão fataes. . .

—Ora! Não conheço eu outra coisa! exclamou o vigario. Por signal que acaba com um formidavel sacrilegio.

E os tres, juntando as cabecinhas brancas, cantaram, como so balbuciassem um segredo para que os santos, lá dentro, não ouvissem:

«A propria Virgem Maria
Não tinha uns olhos iguaes...»

O MENTIROSO

Abril, em pleno viço, enflorcia as devezas e os labirintos de verdura, silvas a dentro, montes acima, em luxuriante vigor paradisiaco.

Pontilhavam os caminhos silentes as campanulas tremulas das allamandas, e as boninas, rentes com a herva do pasto, abriam-se alacremenente ao sol.

Dlin, dlin, dlin por entre as ramas. Dlin, dlin, dlin, pelos emmaranhados carreiros humidos de orvalho. E balidos á beira d'agua, por cima das pedras, aquem e além, o ar cheio do sonoro dlin dlin, que repercutia em trefego resoar de cincerros de latão.

Dlin, dlin, eram carneiros que cabriolavam por entre sebes intonsas, na alegria communicativa da manhan luminosa.

Lanzudos, de cornos retorcidos, mansamente abriam a marcha os mais velhos. As ovelhas, com os uberes cheios, pojados de leite, atrás, a trote campanulando: dlin, dlin, acompanhadas dos borreguitos brancos e malhados, muito novos no campo: cinco e seis dias de nascidos, com a tripinha do umbigo dependurada ainda, secca, como um cipó de silvas que se lhes tivesse agarrado ao ventre.

Iam seguindo em tropel, com um guizalhar bucolico: dlin, dlin, dlin, e o zagal, que era uma criança, cajado ao hombro, fruta á cinta, acompanhava-as vagorosamente trauteando a canção lyrica da montanha que, em toda a redondeza de serras, é o hymno pastoral de quantos tanger gados.

Albano era o seu nome; profissão, zagal. Desde que pode vencer os asperos pendores e galgar, de pino em pino, as rochas das alturas, deram-lhe um rebanho.

Nas eiras e nos montados, em noites brancas de luar, a sua fraguita de canna brava repetia a musica dos trovares montesinos. E como vinham ouvi-lo moças e labregos...! Mas que não falasse, que não falasse aos que o cercavam nas eiras e nos montados em noites brancas de luar.

Que não se lembrasse de narrar por que, de tantos sonhos que fazia, falando era um discorrer de

fantasias: —bruxedos nas covas fundas das montanhas; moças que vinham cantar á tona d'agua, embrulhadas em algas e em cabellos; estrellas que baixavam luminosamente e vinham correr, como peregrinas, os invios valles tristes; arvores que gemiam; ninhos que balbuciavam e outros fabularios, dentre os quaes avultava a lenda dos rythmos — pedras colossaes, roladas pelo diluvio, que, durante as noites negras, troavam estrupidamente no reconcavo de uma grotta, em compasso tantanico, marcando o tempo macabro da ronda cabalistica das bruxas.

Oh! a lenda das pedras, que um velho pastor, encanecido a errar pelos cimos, derrocara, explicando com um sorriso malicioso:

— Sim, a roncaria é medonha na montanha. Quem não conhece a coisa treme e foge. Colhido pela noite, sem tempo de ganhar a vertente, uma feita adormeci no planalto da serra. Em meio do somno despertei sobressaltado com estranho rumor. O cão, de orelhas hirtas, pello eriçado, ouvia; as ovelhas, de pé, muito apertadas, tremiam.

Para abafar os terrores do meu espirito e pacificar os bichos, fui de canto em canto, saltando de rocha em rocha, alumiano com a minha lanterna o caminho pedregoso e vi e commigo os animaes, vimos todos a causa do rumor estranho — aguas de um rio que tomba nos fraguedos, uma

catadupa, Albano, aguas de Deus, zagal. Nem danças de bruxas, nem pedras troando.

Essas e outras refutações valeram ao pobresinho a fama de mentiroso.

Que fizesse soar a sua fruta, todos ouviam-no calados, mas que não falasse, porque, ás primeiras palavras que dissesse, entravam a rir, a gargalhar, dizendo por entre as voltas do riso:

— É mentira! É mentira! Meu Deus! que grande mentiroso!

Sucedeu que, certa manhan, extraviando-se uma ovelha do rebanho de Glaphyra, procurando-a a zagala pelo monte, seguindo os trilhos dos pastores, foi encontrar Albano deitado á sombra de um carvalho antigo.

Tão entretido estava comsigo mesmo que, para senti-la, foi preciso que a pastora lhe falasse:

—Albano...! Albano, não viste passar minha ovelhinha branca?

A resposta do zagal foi um sorriso.

Ergueu-se, tomou as mãos da formosa pastora e partiu com ella a cantar, embrenhando-se pelos touceiraes.

Em uma charneca a ovelhinha perdida balava sentidamente. Tomou-a a pastora ao collo, beijou-a agradecendo a Albano, e ia para deixá-lo quando sentiu-se presa.

— Que queres de mim! Que me queres, zagal?

— Amo-te, Glaphyra. Não é por outra que vivo nem é por outra causa que rego as minhas noites de lagrimas. Olha, toda a montanha sabe o teu nome. E poz-se a mostrar o nome da pastora gravado em todos os troncos. Criamo-nos juntos, e minh'alma de tal modo afeiçãoou-se á tua que, quando estás longe, é como se eu estivesse longe de mim mesmo. Sê minha! Sê minha! Amo-te tanto, Glaphyra!

E cahiu de joelhos beijando apaixonadamente as tranças da zagala.

Glaphyra desatou a rir.

— Ris... Ris de mim? Eis porque me vês de joelhos...?

— Não...! e o riso redobrou ferinamente ironico.

— Por que ris então...?

— Rio da tua graça. Ah! como vão rir lá em baixo os moços das herdades. Não appareces mais para os serões nas eiras. E a historia das pedras troantes!? Amas-me? Muito? Muito!?

Com os olhos humidos postos nos olhos da pastora, Albano balbuciou apaixonadamente:

— Sim, muito! Muito!

— Ama-me! E deixando cair a cabeça, rindo, rindo, partiu a correr com a ovelhinha nos ombros, enchendo os bosques socegados com a sua voz crystalina:

— Que mentiroso, meu Deus! Que incorrigível mentiroso!

O PARAISO

Manhan de inverno.

Gelido, o monte emergia da nevoa de todo nú e tácito.

A choça abriu-se e appareceu no limiar, amontoado de neve, o casal montesino. O homem trazia uma enxada ao hombro, a mulher apertava ao peito o tenro corpo do filho, mais frio do que a propria neve, de mãos postas, palpebras entreabertas e um sorriso na pequenina boca, eterno como se tambem a morte o houvesse immobilizado. A luz d'alva hybernal, indecisa e tristonha, coava-se atravez das nuvens grossas e o casal lentamente, calado, descia pelas trilhas munidas — elle, de olhos baixos; ella, fitando o céu.

Entre as grotas fizeram uma parada.

— Aqui! disse elle descançando a enxada. Ain-

da ha flores. Esta terra é a mais agasalhada; póde ser o seu berço. Deixemo-lo ficar aqui, disse. E olhando o cadaversinho: «Pobre filho!» suspirou.

E a mulher, apertando o corpo inteiriçado, suspirou como o homem: Pobre filho!

E a enxada cahiu na terra molhada.

A pouco e pouco ia-se abrindo o tumulo e a mãe olhava. Era ali que o pequenino morto ia ficar. «Noites de inverno, noites de frio passarão por cima do seu corpo.»

—Mas nascerão rosas e violetas, tornou o homem, cavando.

Prompta a cova, não teve a mãe animo de entregar-lhe o filho, dizendo entre beijos allucinados:

—Filho meu! Filho meu! e o cavador, com os olhos inundados, soluçava passando a mão pelos cabellos finos do pequenino e gélido cadaver. Mas era preciso deixá-lo.

—Não! Não! bradou a mãe, atirando-se de joelhos : Não! Não! e, beijando a terra revolvida, disse, por entre lagrimas:

— Cova, deixa-me o amor, não me arrebrates a alma.

Terra, tu que tens tantas flores, não me queiras levar o lirio que nasceu dentro do meu coração. Sê boa, terra mãe, sê compassiva. Deixa-me o lirio do amor, deixa-mo o filho!

E no fundo da cova uma voz resoou:

—Mãi, o que me pedes é impossível. Não sou eu quem mata. Vai aos longínquos termos merencoreos, busca a Morte e roga-lhe o que me pedes. Vai! E a voz mysteriosa calou-se.

— Vai! disse o homem, e a pobre mãi, apertando nos braços o cadaver do filho, partiu pela neve a caminho dos termos merencoreos.

Negros, arestosos alcantís, emmaranhados de herva, lacrimando fios d'agua perenne; sombra lugubre em volta. Nas anfractuosidades das rochas ibis e estryges d'olhos mortos, immoveis como figuras talhadas no granito, guardavam a entrada tenebrosa do labyrintho pavidó. Haustos de peste passavam por entre as stalactites, ouvia-se o ranger dos dentes das caveiras e estrepito de ossadas. Sombras appareciam, desapareciam iterativamente, em fluido negro, voando. Stertores roucos de agonisantes resoavam pelas abobadas da furna e ao fundo, sobre um acervo do craneos amarellos, negra e tiritante, o punho tabido apoiado á foice fulcite, os pés nús, escarnados, e dois lumes de podridão nas orbitas profundas, a Morte jazia.

Rolavam os fogos fatuos dentro dos abysmos da fronte e os dentes taramelavam trépidos. Olhava e o seu olhar estrabico fulminava. Respirava e o seu halito esparzia peste.

Soaram passos nas pedras da cafurna e os

olhos lividos da Morte voltaram-se para a entrada escura. Olhava quando lhe appareceu, exausta e rota, arrastando farrapos, os pés em sangue, os olhos quasi extinctos, a desvairada mãe com o filho ao collo. Olhou-a a Morte e sorriu e a pobre mulher, fitando-a, cahiu ajoelhada sobre os craneos que assoalhavam a caverna, implorando:

—Morte, misericordia dos desesperados, dize porque o tomaste de mim?! e apresentava-lho o filho roxo e regelado. E o trasgo impassivel contemplava o cadaver.

—Entrega-lhe o espirito que lhe roubaste, Morto! Dá-lhe o sorriso, a luz dos olhos, dá-lhe a graça do balbucio meigo. Sê piedosa, tu que és a misericordia dos desesperados. E a Morte tremulamento disse do alto do sou throno de ossos:

—Mãi, o que me pedes não me é possivel dar-te. Eu sou quem executa, mas quem ordena demora Além! E a foice teve um fulgor subito erguendo-se para o céu. Sobe á planicie azul, busca o Senhor e pede-lhe. Busca o Senhor!

E o céu da caverna tragica repetiu soturnamente:

—Busca o Senhor!

E a pobre mãe, apertando nos braços o cadaver do filho, partiu atravez das rochas lutulentas, a caminho da planicie azul que a Morte lhe apontara.

Sóes de ouro, luares brancos, nuvens densas, alvas como as nitentes espumas do oceano, nuvens purpureas, nuvens de tons flavos de ouro, manhans e noites viram esses maguados olhos que o somno abandonara, viram esses doridos olhos que as lagrimas inundavam. E não os cegou a luz do sol, nem os extasiou a luz da lua: empannados de magua e de melancolia passavam indifferentes pelas auroras e pelos crepusculos a caminho do céu sempre longinquo.

Pobre mãe errante, ia levando ao collo o filho morto.

Velhos astros, vendo-a passar, afastavam-se commovidos e alumiam o caminho azul que ella trilhava:

—É uma mãe, diziam de uns a outros os velhos astros commovidos.

Além, theorias diaphanas de anjos brancos voavam sem rumor, dum extremo a outro, e sons de harpas perpassavam em suavissimos hymnos. Estava perto o Paraiso. E a mãe seguia.

De vir tão junto do coração aquecia-se, a pouco e pouco, o pequenino corpo. Côres, talvez de

sol, abriam-se-lhe nas faces e a mãe seguia corajosa pela planície azul em fora, atravez dos turbilhões de nuvens que rolavam.

Viu-a um anjo e saudou-a.

—Divino, disse-lhe a peregrina triste, onde habita o Senhor?

E o anjo mostrou-lhe a porta do Paraiso, dizendo-lhe:

—E, se vos embargarem o passo, dizei: Sou mãe! e logo vos darão caminho. E a peregrina passou. Cherubins saudavam-na e seguiam-na.

Fulgores, radiações, rebrilhos rutilos passaram como se muitas auroras successivas desabrochassem no mesmo oriente d'ouro e argyro. Reverberos de raios polychromaticos, grandes aureolas abertas em caudas d'aves resplandeceram e, do offuscante clarão destacando-se, mais claro, o vulto do Senhor surgiu brilhante, no fundo do infinito Paraiso sonoro, coroado de estrellas, os pés pousados sobre sóes e luas. Kinnores, de som mysterioso, soavam em de redor, dolentes; e, de espaço a espaço, fanfarras archangelicas profundamente estrugiam.

—Deus Senhor! exclamou a peregrina, mal os seus olhos fitaram a face magnifica do Almo, por onde as eras passavam como a luz, sem deixar rastro.—Deus Senhor! Deus Senhor! e, levantando nos braços o morto: Fostes Vós que o creastes, deu-m'ò a Vossa Divina Graça, deu-m'ò a Vossa

Bondade e a Morte negra roubou-m'ò emquanto o somno me trahia. Vêde, é meu filho — morto e frio, Senhor! Vêde-o morto! sem sorriso nos labios, elle que tanto sorria, gelido, hirto, inteiriçado. Dai-m'ò, Senhor! Vós que dais a estrella á noite e o orvalho á madrugada; Vós que protegeis o ninho, Deus Senhor! vêde com os vossos olhos meu coração vasio. Dai-m'ò de novo, Deus Senhor! Dai-m'ò, por piedade!

E Deus Augusto falou:

—Mãi, para que a alma de teu filho volte ao de que sahiu, será preciso que outra por ella fique no Paraiso. Quando alguém agonisa, um berço vage. Uma alma que sobe encontra entre as estrellas outra alma que desce. Dá-me uma alma, se tens, e a de teu filho voltará ao seu corpo.

A mãi, ansiosa e afflicta, lançou com desespero o olhar pelo céu vasto como se quizesse procurar uma alma. O filho, junto ao seu coração, gelava-o.

— Deus Senhor! Deus Senhor, exclamou de repente cahindo ajoelhada — que eu o veja ainda uma vez sorrindo entre os meus braços, que eu o veja ainda uma vez e aqui tendes minh'alma. Que elle viva! Dai que eu lhe ouça ainda o balbucio e morrerei bemdizendo a Vossa Misericordia.

O Eterno alçou a mão fecunda e santa e logo o pequenino corpo estremeceu nos braços maternas — côres voltaram-lhe ao rosto esmaecido, e,

pouco a pouco, os olhos entreabriram-se, entreabriram-se os labios e, docemente, estendendo os bracinhos e sorrindo... Anjos ouviram o que elle disse como se acordasse de prolongado somno; e Deus ouviu:

—Mamãi!

Beijos, pela primeira vez, soaram no Paraiso. Os anjos attonitos, pasmados, contemplavam. E mais doces que os sons das harpas soavam docemente os beijos da pobre mãe, nos cabellos, nos olhos, nas faces da criancinha que a beijava e sorria.

Mas, de repente, lembrando-se do que dissera, de novo, allucinada, poz-se a beijar o filho e despedindo-se, sempre com os olhos nelle, disse para o Senhor:

— Graças, Deus meu! Graças vos rendo! E curvou a cabeça, esperando a sentença.

—Vai! disse o Senhor, commovido, vai. Teu Paraiso não é este. Toma teu filho e parte. E mostrando-lhe o caminho do céu estrellado e silente: Vai, disse de novo: o Paraiso das mãis é junto ao berço dos filhos.

INDICE

INDICE

	PAG.
Mater.....	11
.Os cegos.....	23
O aroma das camélias.....	33
Saldunes	39
Marcha fúnebre	47
Mystico.....	55
Feira de corações.....	65
Tantalo.....	71
Saudade.....	79
O filtro de Fausto.....	87
Canção triste.....	97
NaThebaida.....	105
Psalmo de amor.....	113
Sonho de Eva	119
Memento	131
Soror Dolorida.....	139
Lacrimatorio.....	147

	PÁG.
O raio do sol	155
Holocausto	165
Origem das camelias	173
Ruminante	181
Os rebanhos ethereos.....	189
O espelho	197
Infante	209
Ritornelo.....	217
O mentiroso..... ,	227
O Paraiso	235